CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

ENSINAR E APRENDER FILOSOFIAS A PARTIR DE ARISTÓTELES

Erivelton Rangel Izaias

Rio de Janeiro

Agosto 2025

CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

ENSINAR E APRENDER FILOSOFIAS A PARTIR DE ARISTÓTELES

Erivelton Rangel Izaias

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ensino (PPFEN), do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Filosofia e Ensino.

Orientador: Dr. Rafael Mello Barbosa.

Rio de Janeiro

Agosto 2025

ENSINAR E APRENDER FILOSOFIAS A PARTIR DE ARISTÓTELES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ensino (PPFEN), do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Filosofia e Ensino.

Erivelton Rangel Izaias

Banca Examinadora:

Presidente, Professor Dr. Rafael Mello Barbosa (CEFET/RJ) (Orientador)

Professor Dr. Luis Cesar Fernandes de Oliveira (CEFET/RJ)

Professor(a) Dr.(a) Cláudia Miranda (UNIRIO)

SUPLENTES

Professor Me. João André Fernandes da Silva (CEFET/RJ)

Rio de Janeiro

Agosto 2025

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

I98 Izaias, Erivelton Rangel
Ensinar e aprender filosofias a partir de Aristóteles / Erivelton Rangel Izaias – 2025.
95f.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2025.
Bibliografia : f. 84-85.
Orientador: Rafael Mello Barbosa.

1. Aristóteles. 2. Educação – Jogo. 3. Ensino de Filosofia. 4. História da Filosofia. I. Barbosa, Rafael Mello (Orient.). II. Título.

CDD 107

Elaborada pelo bibliotecário Leandro Mota de Menezes – CRB/7 nº 5281

DEDICATÓRIA

Dedicado a todos Profissionais de Filosofia e Pesquisadores, para que possam também encontrar em Aristóteles ou nos antigos pensadores o combustível para a nobre tarefa do aperfeiçoamento da prática docente.

AGRADECIMENTOS

Depois de todos esses anos de pesquisa, que me fizeram crescer intelectualmente e emocionalmente, não posso deixar de agradecer à todos aqueles que estiveram do meu lado, sobretudo nos momentos de maior dificuldade.

Agradeço aos que fazem parte de mim, dos quais também faço parte deles, força mantenedora, mesmo que de forma misteriosa.

Agradeço à minha família e amigos, pela compreensão do tempo em que precisei me ausentar para realização desta dissertação.

Agradeço à minha esposa, consorte e parceira rara, Magnânima, pois sem ela este trabalho seria muito mais difícil.

Agradeço ao meu orientador, Rafael Mello Barbosa, pela confiança, paciência e por me inspirar como exemplo de Pesquisador e Docente.

Agradeço a todos os professores e amigos do PPFEN - CEFET/RJ, pessoas das quais me fizeram reforçar o valor inestimável da docência em Filosofia.

Por fim, agradeço a todos que indiretamente contribuíram para o fim/início desta jornada.

“Qual das realidades, então, é aquela para a qual a natureza e a divindade nos criaram? Quando perguntaram a Pitágoras sobre isso, ele respondeu: “fomos criados” “para contemplar os céus””.

“Ele costumava dizer que era um contemplador da natureza e foi por isso que ele ganhou vida”.

(Aristóteles em *Protréptico*, fragmentos 60 e 61).

RESUMO

Ensinar e Aprender Filosofias a partir de Aristóteles

Esta dissertação nasce de uma pesquisa sobre Ensino de Filosofia, relacionando a História da Filosofia com os desafios da prática docente. O objetivo central deste trabalho é relacionar o conceito aristotélico de Educação com produções e exemplos que podemos desenvolver na sala de aula, tendo como questão o que podemos aprender com Aristóteles? Dessa forma, realizamos uma revisão de literatura onde os temas educação, política e didática foram levantados, destacando seus pontos principais. Como resultado obtivemos uma série de exemplos práticos e a confecção de um produto, adaptado para docência em Filosofia no ensino básico. Como, por exemplo, o conceito de Jogo (como brincadeira), que proporciona não só saber, mas alegria e relaxamento nas aulas de Filosofia. Entendemos que o pensamento aristotélico nos permite ter uma visão mais ampla da docência em Filosofia, mostrando possibilidades da prática que podem ultrapassar intenções de ensino (instrução), nos convidando a uma responsabilidade social e política para promoção da Virtude e do Bem Viver, valores pouco perseguidos em nossos dias.

Palavras-chave: Aristóteles; Educação - Jogo; Ensino de Filosofia; História da Filosofia.

ABSTRACT

Teaching and Learning Philosophies from Aristotle

This dissertation stems from research on Philosophy Education, relating the History of Philosophy to the challenges of teaching practice. The central objective of this work is to connect the Aristotelian concept of Education with productions and examples that we can develop in the classroom, questioning what we can learn from Aristotle. Therefore, we conducted a literature review where the themes of education, politics, and didactics were raised, highlighting their main points. As a result, we obtained a series of practical examples and the creation of a product adapted for teaching Philosophy in basic education. For example, the concept of Play (as a game), which provides not only knowledge but also joy and relaxation in Philosophy classes. We understand that Aristotelian thought allows us to have a broader view of teaching Philosophy, showing possibilities for practice that can go beyond teaching intentions (instruction), inviting us to a social and political responsibility for the promotion of Virtue and Good Living, values that are rarely pursued in our times.

Keywords: Aristotle; Education - Game; Teaching Philosophy; History of Philosophy.

SUMÁRIO

Introdução **11**

1 História da Filosofia e o educar em Aristóteles **14**

1.1 *Paideia* Grega e a tradição das Musas 15

1.2 Antes de Aristóteles 19

2 Fisiopedagogia de Aristóteles **24**

2.1 *Paideia* e A Política 24

2.2 Fisiopedagogia 36

2.3 Educar e a Arte Poética 38

3 O que podemos aprender com Aristóteles sobre o Ensino de Filosofia? **42**

3.1 Ensino e Metodologia 43

3.2 Potência e Ato de Ensinar 45

3.3 *Mímesis* e *Poiesis no Ensino* 47

4 O Jogo como Instrumento do Saber **52**

4.1 A Filosofia e o seu saber 54

4.2 A importância do Jogo 59

4.3 Jogo e Filosofia 64

5 A Criação 71

5.1 A Criação e o Ensino de Filosofia 71

5.2 A experiência do Ensino de Filosofia 75

Considerações Finais **79**

Referências **84**

Apêndice A - Estrutura do Produto Didático **86**

Apêndice B - Jogo da Virtude **88**

Apêndice C - Instruções do Jogo da Virtude **91**

Introdução

Aristóteles, em sua obra intitulada “Política”, faz breves considerações sobre um regime ideal, que talvez estivesse seguindo o caminho de seu mestre Platão ou ainda de Sócrates. Além da idealização de uma *pólis,* Aristóteles esquematiza um regime (*Politeia*) que, ao ser seguido por sábios observadores da ordem natural, teria sem dúvida o prazer de desfrutar de uma cidade pacífica e duradoura, constituída com as belas leis, leis estas que poderiam levar seus cidadãos a eudaimonia. O alicerce principal de tal regime seria a Educação e a Legislação, uma complementando o papel da outra na formação de homens livres e virtuosos. Este estudo propõe estabelecer uma relação entre a ideia aristotélica de Educação e nossas questões atuais sobre o Ensino de Filosofia.

Ensinar e Aprender Filosofias a partir de Aristóteles é dar ouvidos ao passado e a história para enriquecer nossas criações, na elaboração de práticas que fortaleçam a aprendizagem, ou seja, práticas estas de livre docência. Aristóteles também nos legou a ideia de uma Fisiopedagogia, ligado ao movimento de ensinar e aprender, e a uma profunda ligação com a natureza social e psíquica do ser humano. Veremos aqui, como o Educar para Aristóteles seria inseparável do movimento e organicidade das relações sociais e políticas, assim como também da própria ideia de cidadania. Mas, de que modo estas ideias nos seriam úteis? É o que veremos neste estudo, pois, ao revisar algumas obras que abarcam o tema e autores especialistas no assunto proposto, desenharemos possíveis relações. Relações estas que se inspiram nas ideias aristotélicas, para elaboração de estratégias de Ensino de Filosofia.

A presente pesquisa para a elaboração desta dissertação de mestrado pretende relacionar o pensamento aristotélico de *Paideia*, dentro do contexto da *pólis*, com o Ensino de Filosofia, tendo por objetivo esclarecer dentro dos limites estabelecidos, não os conceitos em si, mas a relação que cada elemento conceitual (*paideia*) possui com as nossas pretensas e cotidianas, atividades de se ensinar Filosofia.

Sobre a metodologia adotada, realizaremos o levantamento da literatura complementar que corrobora com a questão principal abordada: Como a ideia de Fisiopedagogia pode nos inspirar no Ensino de Filosofia? Assim como de maneira costumeira na filosofia especulativa, tal pesquisa procura fazer uma revisão dos principais títulos acerca do tema Filosofia e Ensino. Vale destacar que essas são umas escolhas pessoais, da minha trajetória de pesquisador e de professor de Filosofia, são textos e fragmentos selecionados de Aristóteles e de seus comentadores, brasileiros e estrangeiros que tive a felicidade de me deparar, ao longo da minha trajetória acadêmica. Dediquei um tempo para observar como elas estariam relacionadas, assim como também poderiam contribuir para análise da viabilidade da hipótese central, mostrando os contrapontos e pontos de convergência para conclusão deste trabalho. Tal dissertação tem também o objetivo de esclarecer os pontos principais e de que modo o estudo das obras aristotélicas podem contribuir para nossa concepção de Ensino de Filosofia. E também formação prática dos valores aqui enunciados, à saber : na formação do caráter do cidadão, trazendo a importância de uma breve pesquisa histórica, para uma possível reformulação e transvaloração de nossos conceitos trabalhados na prática docente.

Livros, teses e artigos de autores renomados no tema tratado neste trabalho foram utilizados como base para a elaboração da pesquisa bibliográfica e também para a sustentação da hipótese final a qual teremos uma breve exposição nas considerações finais. É importante destacar que em nenhum momento é objetivo e/ou intenção deste estudo formular uma tese conceitual sobre os postulados e os ditos aristotélicos. Este estudo propõe fazer um diálogo revisado de determinados trechos importantes da História da Filosofia, utilizando se de passagens importantes para o debate do tema de Ensino de Filosofia. A prática de lecionar, muitas das vezes nos permite observar de forma realista as relações de ensino e aprendizado do educando.

A prática filosófica parece ser inseparável da ação de lecionar, pois, imaginar uma aula de Filosofia sem a reflexão filosófica é difícil. Porém, muitas vezes, nós professores acabamos nos servindo de metodologias pedagógicas genéricas (que também são necessárias), mas não são suficientes para especificidade da disciplina que é a Filosofia. Desta forma, a pesquisa aliada a prática docente é fundamental para dois fatores: melhorar e aprimorar a prática da aprendizagem filosófica e a

busca ética por uma eudaimonia, em seu sentido mais profundo, onde cada docente se veja realizado com o seu trabalho e entenda seu papel político na construção de uma coletividade ou comunidade melhor. A felicidade, como uma busca coletiva, parece algo deslocado quando debatemos sobre trabalho e prática docente. Por isso, a escolha de Aristóteles (um grande filósofo da antiguidade), para debatermos estas questões, e um desafio proposto para que nos desloquemos no tempo, buscando pontes, aporias e soluções na atualidade, para “antiga prática de lecionar” que sustenta as mentes e ações de muitos, na tarefa da vivência humana coletiva.

1 História da Filosofia e o educar em Aristóteles

A História da Filosofia é como já sabemos, a história das sucessões de pensamento que iniciaram determinadas escolas de pensamentos ou estilos de se conduzir a determinados assuntos. Quando se trata da história da educação ocidental, muitos especialistas recorrem às histórias dos antigos, sobretudo dos gregos que, junto com os romanos, legaram ao ocidente grande parte dos modos de se educar a juventude.Modos esses que praticamos até os dias atuais. Quando se trata de um estudo aprofundado sobre o tema, Jaeger é um nome muito requisitado, em especial, por suas pesquisas historiográficas a respeito da cultura grega. Sendo assim, nesta pesquisa de dissertação iremos tomar como dorso central as informações da obra "Paidéia: a formação do homem grego", que uma vez elaborada por Jaeger (1936), ela publicada originalmente em alemão, tornou um grande referencial a ser estudado, claro, quando o assunto é história do pensamento. Em especial, no que refere aos modos formativos na antiguidade arcaica e também clássica.

Sabemos que o passado é mais do que um repositório de informações, porém é de certo modo a chance de compreender questões pertinentes de hoje em dia, por exemplo: Qual objetivo final da educação? De que forma a Filosofia pode contribuir para educação? Sem nos alongarmos muito, são muitas as perguntas e devemos estar sempre de olhos atentos ao passado se quisermos auxílio dos antigos para melhor responder tais questões.

A educação grega antiga teve como seu aporte principal, a cultura, a música e os poemas que traziam em si formas e elementos importantes para transmitir seus valores. Valores estes que resumiam o pensamento daquilo que era relevante, ou seja, do que deveria postergar para posteridade(Jaeger, 1995), pois, toda educação é uma educação de um valor social a ser passado adiante. Antes da formação clássica os mitos, as musas e os poetas eram detentores da mnemônica de transmissão da *Aletheia* (verdade) (Detienne, 1988,p. 15). Depois, a filosofia e as aulas dos sofistas tomaram um lugar principal na educação grega, legando a

oratória persuasiva como instrumento de transmissão de saberes como uma forma aumentar de poder e prestígio social. De qualquer forma, a educação sempre se apoiou na palavra, seja ela cantada ou discursiva oralmente conduzida, para aqueles que irão liderar (politicamente) na cidade. Aristóteles foi um divisor de águas na história da educação grega, dando elementos sustentadores do que hoje chamamos de Filosofia, Lógica e Retórica. Portanto, entender seus antecessores é de extrema importância, para termos uma maior noção de suas ideias, no caso aqui, seu pensamento sobre educação. Sendo assim, analisemos de forma breve a passagem do poeta pedagogo da Ellade (Grécia) para o Orador pedagogo, na *Pólis* grega.

1.1 *Paideia* Grega e a tradição das Musas

A *Paideia* Grega é um assunto de extrema relevância quando nos colocamos a pesquisar sobre a História da Filosofia e o saber sobre o funcionamento dos processos didáticos do passado é, sem dúvida, a chave para interpretar nossas atividades educacionais, hoje. Na obra "A Paidéia: a formação do homem grego, Jaeger (1995), faz uma ampla exposição sobre o lugar e a importância dos gregos na história da educação e da formação de indivíduos, pois embora pareçam similares, são fenômenos distintos um do outro. Ainda, conforme nos mostra Jaeger (1995, p. 24), Platão compara a formação como uma espécie, um tipo de adestramento de cães[1], que outrora alguns indivíduos deveriam ser submetidos, sobretudo os aristocratas que seriam os futuros Guardiões e condutores da boa política. Já a Educação em Aristóteles toma um sentido um pouco mais amplo, tanto o educar pelo comportamento dos jovens cidadãos, quanto o educar pelos hábitos virtuosos (Jandin, 2006).

[1] Na obra "Paidéia [...]", de Jaeger, ele destaca alguns trechos da república onde Platão compara a *Paideia* dos Guardiões com o adestramento de cães.(Jaeger,1995, p. 15). Na ocasião, Platão diz que o bom guardião deve ser como cão que age com doçura para com seus e agressividade para com estranhos (Jaeger,1995, p. 765).

Jaeger (1995, p. 67) faz uma arqueologia da formação grega, que antecede em muito os conceitos platônicos e aristotélicos mais conhecidos por nós, estudantes da área. Ele destaca a fundamental importância dos *Aedos* como primeiros pedagogos, os primeiros formadores do fio condutor da sua pesquisa sobre a formação, à saber: *Areté*. A *Areté,* segundo Jaeger (1995, p. 100-101), é que próprio da nobreza, referência à formação pela excelência e pelas qualidades indispensáveis, de humano para grandeza. O autor explica que a ideia de educação vernacular está diretamente ligada à formação da virtude e qualidades. Nesse sentido, os poemas e as palavras cantadas eram, sem dúvidas, as antigas escolas e seus mestres, os *Aedos*. Foi na tradição das musas que os primeiros gregos tiveram acesso ao que posteriormente seria considerado um saber filosófico no sentido de racionalidade (Detienne, 1988).

Quando nos atentamos melhor sobre os aspectos iniciais das transmissões culturais da comunidade de língua grega antiga, vemos que ainda o mito se fazia presente de forma ativa, e ainda não era uma forma de narrativa menor como foi transformado posteriormente. Os cultos e os ritos sociais se apoiavam em tais conhecimentos como formas reais e necessárias para compreensão de mundo. Antes do advento do episteme, o mito era a própria escola de transmissão daquilo que deveria ser tornar indispensável ao futuro grandioso perseguido, sobretudo pela aristocracia. Honrar os Deuses e Heróis eram as formas de honrar sua linhagem e suas *Pólis*, e era nisso se apoiava a verdade, baseando se na *Areté*[2]. As musas, entidades femininas responsáveis pelas artes e saberes, se hoje vistas como enigmáticas e míticas, outrora, nos tempos dos poetas, eram ativas nas produções e reprodução de valores considerados nobres *(paideia*), seja pelos cantos, discursos ou danças que assim ministravam, para promover todas as espécies de conhecimento no mundo humano. As musas permitiam e davam autoridade aos artistas e poetas, nas suas obras de inspiração divina, poucos eram os que ousavam a desafiá-las ou a sua autoridade em quesito de beleza e excelência. Na obra de Marcel Detienne “Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica” o autor traz de forma profunda um panorama do espírito grego nascido no mito das musas e dos poetas, e de como foi impactante essa cultura para o que posteriormente foi chamado de cultura e pensamento grego.

[2] Virtude e valores.

As musas e seus poetas eram considerados o repositório de toda formação, a arte da palavra cantada ou entoada fazia com que as pessoas despertassem interesse pelo que era dito. O canto e a música tinham e ainda hoje tem esse poder de informar e encantar o ouvinte e cada *Aedo*[3] trazia também em seu trabalho ou seus poemas, os valores sociais que eram disseminados em toda Grécia antiga. De forma diferente do que veio a ser na filosofia, os poemas antigos traziam uma oportunidade de repensar as questões de *Aletheia*, *Areté, Hybris* e *Dike*. Portanto, o movimento do pensamento grego, antes do registro escrito, fazia-se pela oralidade, pois a fala e canto sempre foram instrumentos culturais e sociais. Fazia-se também entre o *Aedo* e seus ouvintes, entre os mestres e seus discípulos, entre as musas e seus receptáculos.

O conhecimento e o saber que deveria ser passado adiante, na Grécia Antiga, era encargo das Musas, consideradas responsáveis pela verdade, relevância e beleza do que seria recitado ou cantado. Se para nós, as musas hoje são consideradas seres de um mundo de fantasia, para os gregos na antiguidade elas eram garantia de proximidade do que era mais verdadeiro e elevado. Alguns historiadores consideram a Beócia como um dos lugares mais antigos de culto às musas, havendo um santuário dedicado às três em sua formação original: *Meléte, Mnéme* e *Aiode*. *Meléte* designa a disciplina que, segundo Detienne (1988) era indispensável ao *Aedo. Mnéme* representava a memória sem a qual era impossível de se transmitir com fidelidade as palavras verdadeiras. *Aiode*, responsável pelo canto em si a voz, o som, ou seja o produto. Talvez essas representações míticas, foram a base do que posteriormente poderíamos tratar de disciplinas.

Segundo a historiografia, em cada lugar ou para cada lugar existia uma forma e um número específico de representar as musas. Como anteriormente mencionado, às vezes em forma de três, umas das contagens mais conhecidas na posteridade foram as nove filhas de Zeus Apolo e Atenas. Segundo Detienne (1988), as musas estavam relacionadas à Memória ou como as virgens que dançavam em torno dela assim ele as enumerava da seguinte forma: Clio, a quem permitia o poeta transmitir os feitos gloriosos do passado. Tália, musa da comédia, que fazia alusão às festas, pois essa era a condição social da elaboração da poesia. Melpomene e Terpsicore,

[3] *Aedos*, do grego clássico, *aoidos*, cantor encantador e poeta, p. 62. Era também uma espécie de rapsodo que declamava seus poemas ao som de uma lira. ISIDRO PEREIRA, S. J. **Dicionário grego-português e português-grego**. 7. ed. Bragal: Livraria Apostolado da Imprensa, 1990.

as que despertavam a imagem da música e da dança. Polímnia e Calíope, que exprimiam a potência da palavra cantada e da voz potente do poeta. Desta forma, podemos compreender que para os antigos gregos as artes e seus produtos: poesia, canto, oratória entre outros saberes, eram inseparáveis da mística conexão do poeta com a sua divindade sagrada. Assim, notamos sempre que, nos nomes mais persistentes da história da filosofia, veremos a alusão de um "saber" proveniente desse escopo de divindades, a exemplo em Parmênides e em Empédocles, que atribuíam seus saberes provenientes de "entidades femininas" relacionada à Memória e *Aletheia*. Hesíodo e Homero, que popularizou as inúmeras invocações às musas,as narrativas de invocações e as histórias das origens das musas, muitos passaram a fazer tais invocações após as recitações de seus poemas e obras.

As musas na Grécia Antiga, não só eram vitais nas atividades dos *Aedos*, como passaram a serem consideradas guardiãs de todas as artes e ciências destinada ao ensino e aperfeiçoamento de habilidades humanas. A escola pitagórica foi uma das difusores das artes proveniente das musas[4], conforme observado em relatos bibliográficos sobre a vida e sua escola apontarem uma estreita relação, entre os seus ensinamentos e suas relações com a música, canto e dança cerimonial. Os ensinamentos na escola pitagórica não eram dissociados das artes. Tanto os historiadores como os pensadores, como Diógenes de Laércio, Porfírio e Jâmblico, escreveram algumas biografias sobre Pitágoras, que evidenciam, segundo suas fontes, uma estreita ligação da escola pitagórica com o ensino de artes atribuída às musas, ou seja, astronomia, dança, música etc. Aristóteles dizia que Pitágoras chamava as plêiades de "lira das Musas" (Riedweg, 2005, p. 13). O próprio termo Philosophia a ele era atribuído a Pitágoras, fazendo menção a Sophia. Portanto, a memória das musas eram sempre exaltadas quando o assunto se referia as artes, ciências, harmonia etc.

A história da *Paideia* Grega é estruturada sobre tradição de transmissão dos valores (*Areté*, *Hybris* e *Diké*) e reinvenção das artes, dos cultos prestados a musas

[4] Apesar de termos pouquíssimos testemunhos sobre os contemporâneos de Pitágoras, a sua escola e seus ensinamentos geraram nos gregos inúmeras afirmações biográficas correlacionando seus ensinamentos as Artes da Musas. A exemplo, na biografia de Pitágoras, em Porfírio, o mesmo diz que Pitágoras ensinava que as sete notas musicais correspondiam às sete musas, ou seja, os sete planetas cantando juntos. Boa parte das informações da biografia de Pitágoras vem dos alunos de Aristóteles e do próprio Aristóteles, que chegaram a Porfírio e Jâmblico (Riedweg, 2005).

e das palavras eternizadas pelos Poetas, *Aedos,* assim como pelos sábios oradores da *Alethe*.

1.2 Antes de Aristóteles

Da Grécia Antiga, nos foi legado um grande escopo de obras que geralmente recorremos para tentarmos entender a história e dinâmica de nossas ideias sobre educação e formação cultural, tal como suas transformações ao longo do tempo. Não por acaso, a Grécia Antiga está no centro de debates filosóficos, onde os maiores nomes de proeminência do pensamento ocidental ali fizeram suas diversificadas exposições sobre determinadas visões de mundo e de como poderíamos entendê-las, a partir de paradigmas ora similares, ora divergentes sobre o conceito de homem, mundo e sociedade. Vemos, mesmo antes de Homero, uma preocupação com a transmissão que preservasse os bens materiais e espirituais da cultura grega, legando aos que viriam um vultuoso modo de ser dos antigos heróis e deuses, para uma posteridade a qual as grandes ações eram dirigidas (Jaeger, 1995). A primeira forma de educação era através dos mitos de uma cultura oral transmitidos de família em família ou de clã em clã, assim como também através dos discursos públicos impetrados pelos rapsodos, poetas e *aedos* . Havia uma intenção clara de, através dos poetas e rapsodos, uma ânsia de mostrar a *Areté* através das histórias contadas, ou seja, o objetivo de fortalecer lições de disciplina, coragem, equilíbrio e honestidade entre os os mais jovens, o que poderíamos considerar uma proto ideia de formação escolar, porém feita através de mitos e ideias heróicas (Jaeger, 1995).

Sócrates, em sua maiêutica, questionava sobre as possibilidades de ensinar a virtude. Na República, Platão esboça de forma profícua a importância da formação de cada indivíduo na estruturação de uma *Pólis* baseada na razão (*logos*) e na felicidade (*eudaimonia*) de seus envolvidos, porém governado por soberanos sábios e educados para tal função. Apesar do debate sobre a conservação ou rompimento com platonismo em suas ideias, vemos em Aristóteles outras importantes

considerações sobre a formação do cidadão. Pois, sobretudo, a *Pólis* terá outras funções e especificidades que em suas obras o veremos justificar a sociedade a qual ele vivia e também propor outros modelos de regimes (*politeia*) que pudessem servir para formar os cidadãos. A *Paideia* Grega sem dúvida foi um grande legado para as diversas concepções de Educação e formação do homem ao longo do tempo. Tanto no ocidente, como também no oriente nomes de vultosos autores gregos sedimentaram as principais questões em relação à necessidade de transmissão cultural através da Educação. Sócrates, Platão e Aristóteles entre outros foram e ainda são referência, quando pensamos em educação, não só pelo patrimônio filosófico e conceitual, mas também pelo fato de que em suas obras nos dão exemplo de grandes educadores e por deixarem suas impressões, opiniões e pensamentos sobre o ensino social da *Pólis*.

A filosofia Socrática nasce na cidade, no meio urbano e desta forma todo o gênero da filosofia especulativa atribuída ao pensador, de algum modo, está ligado à esfera da consciência humana e da consciência de cidadania. Ser cidadão é servir a *Pólis* ou, no caso, servir a sábia Atenas, como a considerava Sócrates, também ligado ao modo de ação do filósofo e de seus seguidores. O ser, mergulhado em sua alma, era também capaz de observar na harmonia, no cosmo a cidade ideal, conforme nos explica Jaeger (1995, p. 190). Sócrates via na sua própria atividade um trabalho nobre de trazer ideias e pensamentos verdadeiros a quem estivesse apto a se submeter ao seu método de busca pela verdade. Como mestre, era clara sua preocupação com a vida virtuosa dos seus, porém o saber não estaria somente relacionado a uma busca, mas ao modo como nos colocamos perante as diversas situações da vida, onde a ação virtuosa deveria estar presente em todos aqueles aptos (*héxis*) a desenvolvê-las.

Segundo Jaeger (1995), o grego sempre relacionou todo o sistema ético-social a uma cosmovisão ou a uma natureza harmônica do todo ao longo do seu desenvolvimento histórico. Sócrates não era um fisiólogo, porém, também concordava que homem fazendo parte da natureza, seguiria alguns princípios naturais. Jaeger não entra no debate sobre a possibilidade de existir um Sócrates histórico diferente do que afirmavam Platão e Xenofonte, porém percebe que há uma visão que se perpetuou do pensador, aquela que via na virtude (*aretê*) ou na conduta virtuosa uma proto-ética da vivência na *Pólis* ou em comunidade.

A ética, conforme nos explica Jaeger (1995), para os gregos antigos assim também como para Sócrates, o *ethos,* estava vinculado a completude do homem na natureza através da articulação harmônica entre corpo e alma, que em busca da virtude física e espirituais, uma vez cultivadas seriam capazes de trazer ao homem a eudaimonia ou a harmonia cósmica. Sócrates tem o seu papel destacado nesse pensamento, quando na busca pela felicidade ele exorta o cuidado e domínio sobre si. O educador Sócrates na busca pela eudaimonia exortava um mergulho na própria interioridade, a fim de procurar em si, em sua alma, o domínio e as inclinações para beleza moral, sublime em conformidade com sua vida real. A busca de si e a busca pelo domínio do corpo e da alma para a boa ação, para Jaeger (1995), fizeram do exemplo socrático um forte aliado na educação. Segundo a doxografia, Sócrates vivia entre jovens e senhores que frequentavam os ginásios gregos e entre os exercícios e momentos de lazer estava sempre levando-os ao debate, ao seu modo. Isso poderia ser considerado uma educação que tem na dialética (socrática) oportunidade de elevação. Jaeger (1995, p. 519) destaca o comentário de Cícero a respeito da conduta de Sócrates: "[...] descer do céu a filosofia e instala-a nas cidades nas moradas do homem", mostrando o papel da dialética socrática no cotidiano da cidade e trazendo a expressividade do ser ideal no agir prático: a razão prática.

O maior exemplo, que o grande educador Sócrates nos deixou, segundo o texto da Apologia, é de trazer sempre os ideais elevados da alma para as ações práticas de boa conduta, agindo com firmeza e em conformidade com sua busca interior (Jaeger, 1995, p. 526). O homem virtuoso como espelho de sua interioridade, passa a ter um destaque maior, a busca pela felicidade se concentra na busca de si, ou do seu autoconhecimento, de sua alma, de sua razão. A filosofia socrática inaugura um antropocentrismo natural ou a reformulação do conceito de *bios*, onde o cuidado com alma decidia a plasticidade da ação humana, frente a natureza das coisas, porém seguindo sua própria natureza, no cosmo (Jaeger, 1995, p. 537).

A paideia socrática, segundo Jaeger (1995, p. 537) foi o que deu aos gregos e seus discípulos a possibilidade do novo ideal filosófico que parte da busca de si e o cuidado com sua alma e corpo; uma alternativa à filosofia predominante principiada pelos fisiologistas. Em suma a pretensão de destacar a importância da alma humana para a natureza (physis). Deste legado Socrático a Alma passa a ter uma

importância fundamental nos debates sobre a educação ou formação do cidadão. Platão, um dos discípulos de Sócrates, à exemplo, foi um grande nome do pensamento a respeito da Educação e formação do pensamento ocidental. Ele se concentra na escrita e na produção de uma doxografia atribuída ao seu mestre Sócrates. Platão eterniza de uma vez por toda a importância da produção literária como forma de resistência e persistência, de um modo nascente de pensamento em Atenas, onde o precursor fora seu mestre, ainda que o mesmo não tenha deixado escritos. A forte discussão sobre as origens do pensamento idealista que surge nas obras platônicas ora atribuem ao gênio socrático, ora atribuem a independência do pensamento de seu discípulo. Podendo pertencer a Sócrates ou não, a teoria da imortalidade da alma e mundo ideal, o que é bem indubitável é que seu discípulo Platão foi o maior defensor dessa doutrina e a filosofia especulativa, de certa maneira, em Platão se viu garantida e reforçada na Grécia dos filósofos.

Depois da doutrina socrática da interioridade da Alma humana ser um fator preponderante da busca pela verdade, atribui-se a Platão ou a seu gênio a dualidade do mundo sensível e o inteligível. Com uma outra cara na cosmologia antiga grega, e com Platão e sua cultura escrita que antigas doutrinas não gregas farão parte do debate, apesar de Sócrates anteriormente já falar da alma, Platão a trará ao grau máximo. A alma platônica se aproxima mais do *daimon* órfico, que presa a um corpo se colocara na empreitada de se libertar através do estudo e da busca sincera pela verdade, que não se encontra na corrupção das coisas, mas da realidade conquistada por etapas em busca pela sua auto elevação.

Apesar do próprio Platão atribuir a doutrina da alma a Sócrates no Fedro, Jaeger, na Paideia (1995) pensa que Aristóteles teria mais razão quando negava a autoria de tal doutrina, apesar não ser um assunto de fácil de abordar, o autor supracitado identifica uma diferença na Alma socrática, pois não estaria presa ao corpo, mas com o corpo seria uma articulação harmônica formando o homem ou ser vivo. A alma platônica não se aproxima também do conceito cristão de alma como atribuído pelos escolásticos posteriormente, mas uma essência que através da reminiscência e da busca do belo e do sublime, tal alma alcançaria patamares superiores de sabedoria. A contribuição de Platão dentro do pensamento e da formação, do indivíduo ou do cidadão, não passa só pela questão ética e moral, mas também pela política. A política seria crucial, para a decisão do que se deveria ou do

que não deveria ser ministrado na Pólis. Também por quem seria o administrador e para quem seria o alvo, da cultura formativa da *pólis*. Na obra Eutidemo de Platão, o autor e seu personagem Sócrates, mostra com tamanha clareza, as diferenças entre o saber *Mathesis* o ignorar *Amathesis* e corrige na defesa de um de seus discípulos os erros sofísticos que podem ser cometidos quando se confunde o saber (*sophia*) com a simples compreensão (*mantháinein)* e quando ocorre ciência ou estudo de algo, ele exorta um outro termo chamado (*sunienai)* evitando assim as confusões sofísticas (Platão, 2011, p. 51).

Na obra “Timeu ” Platão primeiro exalta um conhecimento muito mais precioso do que os outros, fazendo assim de seu possuidor, alguém mais virtuoso e excelente em comparação com outros ditos sábios (sofistas), consolidando a ideia de um conhecimento, que deveria ser principalmente possuído por aqueles que deveriam ser por direito os futuros administradores da cidade. Administração da cidade estaria a cabo de sábios filósofos, isso seria a base de um estado mais justo, talvez capaz de levar ao Estado ideal virtuoso e sábio (Jaeger, 1995, p. 512).

2 Fisiopedagogia de Aristóteles

Neste capítulo abordaremos o conceito de Fisiopedagogia para demonstrar a amplitude e a peculiaridade do pensamento aristotélico sobre a Educação e suas relações, com sua política, ética e poética. A Fisiopedagogia também pode ser entendida como uma uma pedagogia ou uma educação orgânica (Hourdakis, 2001, p. 20), que da mesma forma que acontece no corpo de um ser vivo, com suas partes que são instrumentos que funcionam sempre em comum acordo para um funcionamento geral da vida. Assim também funciona segundo Hourdakis acontece com o estado em suas mais diversas facetas (Hourdakis, 2001, p. 20).

Segundo Hourdakis Aristóteles na Ética a Nicômaco, trata da educação de maneira genérica, enquanto na Política ele se dedica de forma mais específica sobre as instruções que deveriam ser destinadas aos cidadãos para instrução e o desenvolvimento da virtude (Hourdakis, 2001, p. 9). Ele deixa isso bem claro, as suas preocupações com a formação dos cidadãos, porque dela virá o sucesso ou o fracasso do estado constituído, para o Bem. Nesse sentido fica impossível não analisarmos essa relação, com um pouco mais de acurácia e é isso que faremos nos próximos subcapítulos.

2.1 *Paideia* e A Política

A Paideia em Aristóteles, segundo Hourdakis (2009, p. 9) é tratada com mais ênfase nos livros VII e VIII da sua obra intitulada “A Política”, porém como já dito não de forma definitiva ou completa, pois a referida obra não foi finalizada ou foi perdida a última parte. Aristóteles de forma lógica e com seu estilo peculiar, o autor discorre sobre vários assuntos relacionados às leis, formas de poderes, instituições e Estados.

Além da erudição de abordagens de vários temas, há de forma destacada certa defesa do autor sobre várias posições e opiniões políticas, porém a importância dela está no fato do pensador tratar de questões políticas vividas em sua época, de forma científica e racional. Afastando as hipóteses mais fracas, ele opta pela solidez epistêmica, onde, sem dúvida, recobrará assuntos já debatidos outrora na Ética a Nicômaco, como moral e virtude, e busca pelo supremo bem. Antes de chegarmos na relação entre *Paideia* e Estado é importante entendermos melhor de que forma o estagirita elabora suas questões sobre leis, constituição e política. No início da obra "A Política", Aristóteles já encaminha o seu conceito de política, como observado no trecho abaixo:

> Sabemos que toda cidade é uma espécie de associação, e que toda associação se forma tendo por alvo algum bem; porque o homem só trabalha pelo que ele tem em conta de um bem. Todas as sociedades, pois, se propõem a qualquer bem – sobretudo a mais importante delas, pois que visa a um bem maior, envolvendo todas as demais: a cidade ou sociedade política (Aristóteles, 2009, p. 13).[5]

Para o pensador, tanto o homem como a abelha são animais gregários (Aristóteles,2009 p. 16) ou seja são animais tem a característica de viverem em bando com seus semelhantes, por não se bastarem individualmente (Aristóteles, 2009, p. 16). Porém há uma diferença que eleva o homem em relação aos outros animais, é essa diferença a capacidade de articular palavras e ter voz, que o permitiria a peculiaridade de exprimir sentimentos, pensamentos e sensações, assim como também fazer escolhas e comunicar-se, entendendo a diferença entre o certo e o errado. Da mesma forma também teria a capacidade de buscar de forma racional o melhor tipo de vida possível. Esse melhor tipo de vida seria aquele que realizaria o bem maior que englobaria todos outros bens, e a cidade seria em última instância esse local. Portanto, a constituição da cidade seria consequência direta da natureza política a qual a espécie humana faz parte.

A Política seria a arte de tratar do bem maior que engloba os outros e determinam todos os outros, cumprindo de forma plena "o é que a finalidade principal da sociedade humana", a atividade que nos conduziria ao supremo bem. Contrariando muito das nossas ideias contemporâneas sobre política, no pensamento aristotélico a política seria uma arte que tende a elevar a uma totalidade

[5] Na edição Bekker [1252a, 1-6].

as necessidades das suas partes, em busca de uma plenitude suprema ou de um bem último, considerado por ele como uma causa final. E mais adiante vemos :

> É evidente, pois, que a cidade faz parte das coisas da natureza, que o homem é naturalmente um animal político, destinado a viver em sociedade, e que aquele que, por instinto, e não porque qualquer circunstância o inibe, deixa de fazer parte de uma cidade, é um ser vil ou superior ao homem. Tal indivíduo merece, como disse Homero, a censura cruel de ser um sem família, sem leis, sem lar. Porque ele é ávido de combates, e, como as aves de rapina, incapaz de se submeter a qualquer obediência (Aristóteles, 2009, p. 16).[6]

Neste trecho Aristóteles insiste com a ideia da anterioridade da formação coletiva para o homem, usando a analogia do todo e da parte ele sugere uma uma estreita relação entre a natureza e condição humana. O fato do ser humano viver em uma cidade ou em comunidade representa o equilíbrio, ao contrário não passaria de um selvagem como tantos outros animais ou um ser supremo, que segundo ele está livre dessas condições. Para o mesmo, tal era a condição natural do homem para buscar a justiça, pois a busca por ela o tornaria um animal virtuoso. Para o pensador "A justiça é a base da sociedade"[7], sendo assim, a vida em sociedade permitiria o indivíduo se tornar um animal virtuoso por ser capaz de fazer julgamentos, pois para ele isso seria a aplicação da justiça.

Interessante observarmos que a justiça não parte do homem isolado ou individual da sua essência , mas da natural condição da sua coletividade e da busca dos atos virtuoso, ou seja, ela é proveniente do todo, permitindo a realização das partes, quando respeitam a ordem natural de importância, quando primeiro o Estado, depois a família, depois o indivíduo. Desta forma, ele argumenta no sentido de zelar pela ordem desta sequência em termos de importância e de preservação, dentro de tal pensamento, uma vez que a política seria a vida propriamente humana, para alcançar um bem viver. Retomando a teoria das quatro causas, ele verá na finalidade política, a atividade que engloba os demais tipos de comunidade (aldeia, família etc.), pois para ele a finalidade (bem viver) é a essência ou natureza da coisa.

Apoiado na questão da justiça como base da sociedade e da preservação da coletividade, isto é, o fato de se buscar o melhor tipo de vida, que é a vida feliz,

---

[6] Na edição Bekker [1253a, 2-5].
[7] Na edição Bekker [1253a, 36].

participando da constituição da *pólis*, Aristóteles estabelece e considera os diversos tipos de comportamentos e costumes, avaliando os que eram lícitos, ou censurando os que poderiam trazer riscos a vida social, pois era evidente que muitos costumes, segundo ele, eram originários do hábito de se praticar atos de injustiça.

Mais adiante nos escritos sobre política, Aristóteles faz várias análises sobre as mais diversas constituições de estado e as diferentes formas de governo que poderiam existir; o objetivo era demonstrar as sociedades que por sua vez, convergência ou divergência das suas ações em consonância ou não com seus propósitos ou seja suas teleologias. Como explica o autor, os governantes de cada estado devem ter em mente o propósito de reunião de seus envolvidos, ou seja, a função que um estado exerce irá, de forma contundente, decidir sobre o tipo de vida dos seus indivíduos, por vez levando ao sucesso ou, por outro lado a fragmentação de sua constituição.

O Estagirita dá o exemplo das nações bélicas, como Esparta e tantas outras que por se basearem em princípios de conflitos, ataques e defesa se viam ameaçadas em momentos pacíficos, por não prezarem por leis fortes o bastante para manter seus cidadãos coesos internamente, nesses momentos ausentes de sua atividade principal(guerra). Aristóteles ressalta a importância do equilíbrio que deve existir nos propósitos de reunião estatal, que por mais que cada povo tenha suas características, existe segundo ele, uma série de coisas a serem observadas em termos legais, para que sejam alcançados certos propósitos e, por conseguinte, resultados positivos e duradouros. Outro exemplo de má administração de estado apontado eram os estados que se basilavam em alguma atividade econômica específica, como pecuária, agricultura e comércio que se viam frágeis perto de governos autoritários ou de oligarquias, que não procuravam os interesses públicos, mas de seus próprios negócios, mantendo legisladores que facilitariam interesses privados. Tais exemplos entre outros eram sem dúvida o motivo de Aristóteles apontar alguns estados que não tinham sucessos de constituição sólida, levando assim à fragmentação e ao sofrimento de seus cidadãos.

Autores como Hannah Arendt (2006, p. 14)[8] destacam que Aristóteles assim como seu mestre Platão, não era defensores de uma democracia igualitária, porém isso não significa na que suas ideias sobre política estejam visando ao bem de determinado grupo ou outro, mas pelo contrário, para ele, assim como o bem-estar do corpo era em vista da alma, a vontade era em vista da razão, a democracia não seria garantia para alcançar o bem supremo da política, mas a aristocracia. A aristocracia, aqui diferente de uma oligarquia, pois não se tratava de uma elite no poder, mas, composta por pessoas preparadas para atividade política, estimulada a agir virtuosamente nas questões de governo de um estado aptos a garantir por sua vez a verdadeira atividade política, com escolhas acertadas e comportamentos virtuosos na administração da *pólis*.

Então, a direção política estaria segundo Aristóteles e de acordo com os propósitos de solidez e felicidade de todos os envolvidos com tais atividades, pois "A cidade é virtuosa, não por obra do acaso, mas da ciência e da vontade." No entanto, uma república só pode ser virtuosa quando os próprios cidadãos que tomam parte do governo são virtuosos [...]" (Aristóteles, 2009, p. 253).[9] Em termo de constituição de Estado, Aristóteles irá chamar atenção para dois elementos: Vontade e ciência, contrariando o senso comum que acredita no acaso como motivo principal. Isso parece ser um tanto simples, mas ao destacar esses elementos elencados acima, o autor tenta demonstrar como os assuntos políticos necessitam ser vistos a partir de uma certa sequência lógica ou científica.

Desta forma a política era uma ciência prática que visava a organização e o fim comum de todas as demais ciências de uma *pólis* em vista do supremo bem. Logo, o melhor tipo de governo era relacionado ao melhor tipo de vida buscado dentro da cidade, que geralmente seria a vida que os conduzissem à felicidade tanto individual como simultânea ao do coletivo. Contudo a política não era apenas vista pelo estagirita como uma ciência que visava a ação em torno dos negócios públicos, mas antes, deveria conduzir o homem (*zoon politikon*) a um bem viver (*eu zen*) em vista ao "supremo bem". É importante termos em destaque a amplitude da visão de

[8] Em sua obra "O que é política?", Arendt critica a visão política de Aristóteles em relação à democracia. A autora identifica no modo de política grega antiga uma situação análoga ao despotismo, pois não conjugava a liberdade e tão pouco a justiça, pois não se admitia uma igualdade de fato, mas somente a homens, nascidos em território grego que fossem livres, isso contrariava segundo ela a visão moderna de democracia igualitária e reforçava a ideia de oligarquia e aristocracia.

[9] Na edição Bekker [1332a, 33-35].

Aristóteles sobre política e o estado, considerando seus conceitos básicos fundamentados em argumentos lógicos e aporias que quase sempre estão ligadas as justificativas oriundas da natureza, onde isso não deve ser confundido com naturalismo, mas antes como anterioridade das questões de compreensão puramente dos particulares ou do senso comum.

Em muitas obras de Aristóteles veremos uma busca metodológica pelos fundamentos ou as causas do que se é investigado. A educação é abordada logo no início do livro VII de "A Política", quando Aristóteles desenvolve uma análise do que seria, para ele, um Estado Ideal (de acordo com a razão e moral), comparando este Estado Ideal com aquele que possuiria pessoas virtuosas que fossem capazes de participar das ocupações políticas na *pólis*. Como já comentado anteriormente, a virtude e a razão são as causas fundamentais para se constituir um estado perfeito, mas também a vida feliz é aquela que participa da coisa pública justamente pelo fato de a política proporcionar a satisfação tanto do particular como da coletividade. Os cidadãos virtuosos fazem uma cidade virtuosa, a virtude é quando o indivíduo consegue elevar suas ações particulares a altura dos valores absolutos[10] ou gerais, há ainda aqui um retorno do particular ao geral (*hólon*) (Jandin, 2006).

O cidadão virtuoso ultrapassa o homem comum por demonstrar através de ações belas e equilibradas uma fuga dos atos simples, dos vícios e dos atos particulares. A Educação do cidadão deveria andar junto com a constituição do estado que zelará pelo bem viver de todos. Aristóteles aponta uma série de medidas para que um Estado Ideal cumpra seu papel e a Educação de seus membros é o primeiro fator, pois sem a, formação adequada fica impossível estabelecer um estado, pois naturalmente as pessoas tendem a seguir seus interesses particulares, e simplórios e seria o próximo delas, a inclinação para os vícios e não para virtude em si. A confusão é anterior ao conhecimento verdadeiro, por isso necessitaria de um aprendizado que nos eleve a nossa verdadeira natureza e corrija nossas falhas e imperfeições.

Os assuntos e ações políticas em Aristóteles, sinalizadas por Jandin (2006), não se dão por acaso (*tuchè*), mas através de atitudes bem pensadas, de uma ciência (*épistèmè*) e uma vontade, assim por dizer, refletida (*proairésis*). Dessa

[10] Na edição Bekker [1332a, 23-25].

forma, teríamos um papel duplo da Educação que é a educação intelectual (*dianoètikè*) e a educação do hábito, da virtude e da moral (*èthikè*). A divisão e o estabelecimento do papel de cada uma delas não eram com finalidade de separar as ações das especulações, porém teriam a finalidade de dar a base necessária, para que os legisladores e mestres, contando que estes pudessem melhor conhecer a especificidade de cada caso e formular leis pedagógicas nesse sentido.

Aristóteles traz a tese de que devemos educar primeiro a vontade antes do intelecto, pois ao nascermos e quando ainda jovens não temos a orientação necessária para um bom comportamento. Geralmente os jovens são levados a cometer excessos e a ter poucos atos louváveis, no sentido de que a proximidade com as paixões ainda é mais intensa nessa fase, mais do que na maturidade e dessa forma, segundo o Aristóteles, devemos começar com a educação corpórea e da vontade dos hábitos para que se tornem virtuosos e louváveis e depois a educação da razão, para que haja maior compreensão e sabedoria. Os legisladores então fariam leis, que conduzissem as pessoas a terem bons hábitos, pois de acordo com Aristóteles, numa interpretação de Jandin do "Protrépticos", a arte e a educação teriam o objetivo primeiro de complementar o que a natureza não fizera (Jandin, 2006, p. 2).

A Educação da *pólis* estaria a cargo dos Professores e Legisladores, pois sem essa exigência administrativa não se chegaria a uma *pólis bem* estruturada. As leis que compõem um estado para Aristóteles terão sempre um caráter "Pedagógico", ou seja, a lei terá como incumbência ensinar bons modos de agir ou as formas corretas de desejos dentro da sociedade, pois fará com que o indivíduo reconheça a importância de agir em conformidade com propósitos da vida social, de felicidade e justiça.

Daí vemos uma grande diferença nos propósitos legislativos, na filosofia aristotélica, pois eles devem educar e não forçar determinadas ações. Para o homem antigo, a capacidade autônoma da razão nunca poderia ser negligenciada, as faculdades noéticas da alma não eram postas de lado e para se discutir a cidadania, vemos aqui uma exímia capacidade do autor em se referir ao homem como um ser multidimensional, onde jamais um aspecto ficaria negligenciado pelos

outros, portanto Aristóteles mesmo tratando de política, sempre conjugava diversos conhecimentos em vista de uma noção ampla (*holon*),do que seria o ser humano.

A lei que conduz à boa ação seria mais eficiente do que aquela que corrige ou pune os malfeitores, pois ao ensinar estaria lidando com a capacidade e compreensão dos cidadãos, mantendo sempre que possível certa estabilidade e equilíbrio, podendo assim se dedicar a erradicação de outros problemas numa *pólis*. Cabe aos legisladores zelar por essas atividades, para que tenha leis coerentes e eleve as ações dos cidadãos, transformando as de particulares, em ações do geral. A virtude humana poderia ser dada pela natureza, pelo hábito ou pela razão. Em relação a natureza nada poderia ser feito, mas os hábitos e a razão seriam os alvos de um direcionamento a cabo da educação das leis do estado e dos mestres. Além disso seria necessário nesse sistema Político Ideal que tal educação fosse ministrada de maneira comum, ou seja, todos tendo o mesmo aprendizado e não de forma particular, tendo em vista os propósitos da constituição do bem comum (Aristóteles, 2009, p. 267).

Na elaboração das tais leis pedagógicas, os legisladores deveriam observar as particularidades do gênero humano, tais como questões ontológicas, por exemplo, a observação da espécie de animal que possuí alma diferenciada dos outros: “Depois, sendo o homem formado de duas partes - alma e corpo, sabemos que a alma compreende igualmente duas partes: aquela que possui razão e aquela que é privada[...]” (Aristóteles, 2009, p. 259)[11]. Neste trecho vemos como Aristóteles justifica os métodos de Educação para virtude partindo da constituição biológica: a alma não poderia ficar de fora. Ao relembrar nessa obra sobre as partes da alma abre um precedente para diferentes abordagens educacionais.

No livro “De anima” podemos observar que alma não representa a substância primeira (*Todé ti*), mas um princípio de vida a causa formal do vivente, quando uma matéria em um corpo forma um composto vivente. Tal princípio de vida e movimento, no ser vivo, era visto por ele dividido em várias faculdades, sendo elas percepção, imaginação e razão. Porém, ele a categoriza em duas partes principais: uma dotada de *logos* e outra privada. A razão seria como centro da alma, onde as demais partes deveriam estar subordinadas a ela, porém deveria ser observada uma ordem natural

[11] Na edição Bekker [1334b, 18-19].

que deveria ser respeitada, sendo o corpo anterior a alma e o desejo anterior a razão e teria que questionar qual seria a parte que primeiro deveria receber atenção, em vista da formação mais acertada. Depois de algumas comparações de como acontece, exemplo, com a criança que primeiro forma o desejo antes de desenvolver a razão, onde os educadores deveriam segundo Aristóteles, começar primeiro pelo corpo, depois pelos costumes e depois pela parte racional, pois ela só se daria após o desenvolvimento de certa maturidade.

A alma deveria ser entendida por aquele responsável pela educação da *pólis*, pois através da compreensão da natureza humana os legisladores e educadores achariam os meios necessários para elaborar um verdadeiro sistema educacional que pudessem levar aos participantes as ações virtuosas, que caracterizam o homem de bem. É feito um questionamento sobre que parte da alma poderia ser alvo de antemão das ações formativas, pois se uma parte é a racional e a outra não, qual dela deveria ser educada ou de que modo? Aristóteles recobra a divisão da razão prática e da razão especulativa para que se entenda a proveniência de cada ato, com propósito do legislador conhecer a fundo as diferenças de comportamento. Enfim, ele aconselha que a preferência de cada parte a ser analisada, para definir os melhores atos sejam sempre em vista do fim mais elevado, a causa final para o estagirita era sempre a que mais poderia conduzir as ações de forma correta à uma determinada finalidade.

Depois de entendermos a importância do papel da *Paideia* em Aristóteles no contexto da constituição da *pólis*, devemos fazer uma breve consideração sobre outros conceitos explícito ou implícito, quando se fala sobre educação (ou formação). Mesmo com o assunto ainda longe de se concluir, seguem outras análises sobre vários outros elementos envolvidos. Uns dos primeiros questionamentos depois da função da educação de levar à virtude e sobre o que ela deve ensinar: tanto no geral como no particular, fica claro que o que deve ser ensinado, sejam coisas úteis, porém, que sejam mais ainda honrosas. Aristóteles ainda na Política faz uma crítica a educação utilitarista e lucrativa, que segundo ele era prática em algumas constituições, pois essas não se pretendiam a busca pelo melhor como finalidade e eram contrárias a uma educação virtuosa[12].

[12] Na edição Bekker [1333b1, 12].

Daí surge a questão se, o que deve ser alvo da educação deveriam ser as coisas da utilidade comum, ou melhor, se a educação seria somente utilitarista, composta por ginástica, gramática e desenho como seria na Grécia Antiga, ou se poderia agregar outras disciplinas como música entre outras artes vistas como artes para entretenimento (Aristóteles, 2009).

Aristóteles além de investigar a viabilidade do currículo para criança, para jovens e para demais educandos, investirá seu estudo também sobre a educação musical, por ela fornece elementos fundamentais para entender muito sobre o movimento da alma humana e das relações com a harmonia e o belo. Ele acreditava que a música poderia ensinar mais do que uma distração saudável, mas poderia fazer com que muitos tivessem experiências, com harmônicas formas de expressões (Aristóteles, 2009, p. 269).

Não só em Aristóteles, mas em todo o pensamento Grego Antigo, a beleza e o belo têm um papel primordial, no caráter formativo[13]. Porém, Aristóteles dá à beleza uma função social, e a partir dela começa a argumentar que por mais que as coisas úteis e necessárias sejam causa da educação, também o belo deveria ser estimulado (Aristóteles, 2009, p. 256)[14], principalmente entre os jovens, para que eles pudessem sempre almejar ser mais do que homens de bem, mas pudessem ser de forma plena em ato (pois ser em ato é melhor do que ser somente em potência como exposto na obra “Metafísica”[15]. Destaco aqui não o debate sobre ato e potência, mas a necessidade da da atividade honrosa e bela, e não meramente uma potencialidade oriundo de uma educação. Dentro de tudo que a natureza humana permite e também em vista no fim mais elevado, na sua causa final.

Para Jandin (2006), a Educação pode ser compreendida em Aristóteles, em Ensino (*Didaskalia*) e Aprendizado (*Mathésis*). Enquanto o Ensino seria algo a ser administrado pelo Estado, ministrado por mestres e legisladores, como bem vimos anteriormente, o Aprendizado seria mais voltado para o conhecimento da natureza humana do ato de conhecer e dos limites da atividade (*nous*). No ensino, além das preocupações expostas acima em termos de didática, Aristóteles na Metafísica destaca algumas dificuldades em termos de transição do conhecimento, da própria

[13] JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia**: a formação do homem grego.
[14] Na edição Bekker [1333b1, 5].
[15] ARISTÓTELES. **Metafísica**. Livro Nono.

ciência das causas primeiras, ou da filosofia, expondo o problema dos hábitos ou a falta de hábitos em relação sustentação dos assuntos filosóficos propriamente ditos, referenciado por este trecho da obra “Metafísica”:

> A eficácia das lições dependem dos hábitos dos ouvintes. Nós exigimos, com efeito, que se fale do modo como estamos familiarizados; as coisas que não nos são ditas desse modo não nos parecem as mesmas, mas, por falta de hábito, parecem-nos mais difíceis de compreender e mais estranhas. O que é habitual é mais facilmente cognoscível.
> A força do hábito é demonstrada pelas leis, nas quais até o que é mítico e pueril, em virtude do hábito, tem mais força que o próprio conhecimento (Aristóteles, 2014, p. 79).[16]

Neste fragmento podemos ver um espaço onde Aristóteles argumenta a metodologia de apreensão de uma determinada lição. Aqui é exposto de forma direta o problema de estabelecer-se um entendimento, avaliando a eficácia ou fracasso que podem surgir decorrente dos hábitos. Como ele sabiamente colocou, são estados da natureza que possuem mais forças do que o conhecimento. Até que ponto na prática docente o hábito de determinados ouvintes e/ou alunos podem servir de barreira, para podermos pôr em prática determinado conteúdo. Qual é o antídoto para o hábito contingente que afasta o aluno de uma compreensão do conteúdo filosófico aplicado? Quais métodos deverão ser adotados frente a este tipo de problema, uma vez que devemos estar atento a essa dificuldade segundo Aristóteles.

Veremos um pouco mais sobre a atividade do aprendizado em outros fragmentos do livro “De anima” e entre outras obras que serão apresentadas logo adiante. Lembrando que o intuito é apresentar de forma argumentativa e não se aprofundar nos conceitos principais aos quais as obras se referem. Em “De anima” destaca-se o trecho a seguir:

> Por um lado, há aquele que conhece no sentido em que diríamos ser o homem conhecedor, por estar entre os que conhecem e possuem conhecimento; e há, em outro sentido, aquele que dizemos ser conhecedor por já saber a gramática (e cada um deles é em potência, mas não da mesma maneira: o primeiro, porque é de tal gênero e matéria, o outro, porque, se quiser, pode inquirir, nada externo o impedindo). E há, por fim, aquele que está inquirindo e em atualidade, conhecendo em sentido próprio, este “A” determinado. Os dois primeiros são conhecedores em potência: um, ter se alterado por via a aprendizagem e por passar várias vezes de uma das

[16] Na edição Bekker [995a, 1-4].

> disposições contrarias a outra; o outro, de outro modo por passar do ter percepção sensível ou gramática sem exercitá-lo ao estar em exercício (Aristóteles, 2012, p. 84).[17]

Apesar dessa passagem não ser uma referência direta ao conceito de aprendizagem *mathésis*, demonstra claramente, mesmo tratando-se de um exemplo, um dos mecanismo, onde podemos verificar a forma pela qual o ser humano adquire conhecimento, em termos de mudança das disposições de ser. A passagem da potência para a atualidade rompendo e criando estados intermediários: no primeiro sentido conhecer como, uma disposição natural do homem como ser voltado para tal ato e como prova disso o prazer nos sentidos que ele sente como dito no início da obra "Metafísica". No segundo sentido teríamos um conhecer como o rompimento de um estado contrário ao outro, passar da ignorância para o saber, de forma sucessiva até que se chegue a ser conhecedor propriamente dito que é capaz de continuar a conhecer por pesquisa e também capaz de ensinar.Podemos supor que a ordem entre os dois conhecimento é dado no fragmento pelo exemplo do próprio Aristóteles pois um se refere aos saberes dos sentidos e outro a um saber por ele dito gramatical.

Aristóteles na obra "Metafísica" considera que demonstrar conhecimento está ligado à capacidade de poder transmiti-lo ou de ensiná-lo, conforme podemos observar no seguinte trecho:

> Em geral, o que distingue quem sabe de quem não sabe é a capacidade de ensinar: por isso consideramos que a arte seja sobretudo ciência e não experiência; de fato, os que possuem a arte são capazes de ensinar, enquanto os que possuem a experiência não o são (Aristóteles, 2014, p. 7).[18]

Além da importância sequencial (no contexto da pesquisa metafísica) do próprio do trecho, vemos também uma preocupação do Aristóteles em diferenciar um saber acompanhado de questões sobre o porquê, ou as causas das coisas, diferenciando este saber de conhecimento puramente prático típicos daqueles que são capazes tão somente de executar mas não possuem uma exata ciência do que se desempenha.

Podemos extrair desse trecho a relação intrínseca entre a arte que conhece as causas e a capacidade de ensinar e a possibilidade de transmissão, uma vez já

[17] Na edição Bekker [417a, 21].
[18] Na edição Bekker [981b, 7-9].

tendo dominado a ciência das causas que a definem, dessa forma saber transmitir é prova inegável daquele que certamente conhece. Dessa forma a atividade ultrapassa a mera prática de execução e se transforma em uma episteme cujo as técnicas mais profundas já foram usadas e testadas permitindo assim a sua transmissão. Tais concepções ilustram bem a preocupação de Aristóteles não somente em transmitir conhecimento mas de esclarecer cada ponto que envolve o ensino a aprendizagem e transmissão (*Paideia*).

2.2 Fisiopedagogia

A natureza vista como um conceito em Aristóteles assim como o movimento (*kinesis*) se tornam as chaves principais para entender todo seu ponto de vista, a respeito da educação (paideia), e de seu objetivo (teleologia). O termo Fisiopedagogia foi sugerido por Antoine Hourdakis, em sua obra "Aristóteles e a Educação" para ilustrar o ponto de vista aristotélico sobre a relação que a paideia teria com a própria natureza e como a política e as leis interagem, com a função de cada cidadão na *pólis*. Como já dito anteriormente o fato do homem ser civel era uma corroboração da sua própria natureza (Hourdakis, 2001 p. 29).

A natureza em Aristóteles tem um lugar privilegiado em todos seus estudos e não seria diferente em suas concepções pedagógicas, pois através das leis e da educação dos hábitos ele acreditava que os cidadão cumpririam cada um a sua parte para formação do Estado feliz. Ou consequentemente na "Vida Boa" (*politeusethai kalos*). Para Aristóteles a natureza em si já possui sua beleza à disposição. Ou seja ela já é fonte de inspiração e de criação, pois trata-se em última análise de uma relação de finalidade; porém nós humanos podemos através das criações de leis e da educação complementar e elevar o nível daquilo que já existe naturalmente. A ideia sempre tenderia a excelência e a elevação através da atuação desses dispositivos sobre as almas humanas, dessa forma atuar sobre as almas era objetivo maior da educação, para o pensador, pois é dessa forma que excelência predominaria na *pólis* (Hourdakis, 2001).

Aristóteles destaca o fato de tantos os legisladores como os educadores devessem sempre estar atentos a natureza humana, ou seja, ao conhecimento de suas disposições e dos seus limites, de seus hábitos para assim melhor atuarem sobre os mesmos, no objetivo de criar mudanças éticas e dianoéticas, nos cidadãos. Defende Hourdakis que Aristóteles inaugurou a ideia de estado orgânico, pois os legisladores seriam responsáveis pela saúde do Estado, através dos cidadãos virtuosos (spoudaios). Se hoje a educação é centrada no indivíduo, e em seu aprimoramento, tanto quanto em seu desempenho e tais coisas tomam boa parte de nossas produções.

Em Aristóteles o objetivo geral se sobrepõem ao particular, ou seja em primeiro lugar estaria o estado e seu telos, depois seus componentes, então a educação estaria relacionada a cidade (*Pólis*), pois o motivo pelo qual a educação (*Paidéia*) teria seu desenvolvimento deveria necessariamente estar amarrado de forma orgânica aos objetivos do estado. A escola deveria ser pública e a educação deveria ser uma para todos, dessa forma o estado alcançaria uma estabilidade. Tais pensamentos aristotélicos nos obriga a revermos nossos verdadeiros motivos e pretensões com a educação, pois ao nos depararmos com o sentido lógico do geral em relação ao particular podemos estabelecer não uma discrepância de importância mas uma profunda visão sobre as relações orgânicas envolvidas.

Na observação da natureza aos moldes aristotélicos, podemos perceber esses movimentos de relação orgânica como essenciais, para compreender o movimento educacional ligados ao ensino e as consequências para sociedade em geral. Essas ideias nos permite a reflexão sobre as nossas práticas cotidianas, daí podemos tirar algumas questões: “Até que ponto, hoje, o ensino cotidiano impacta a sociedade em que vivemos?” De que forma, percebemos no ensino a relação de movimento e organicidade? Qual relação do Ensino e com “natureza”? As nossas práticas são orgânicas ou amálgamas?

Longe de termos uma resposta definitiva para essas questões retornaremos a sua pesquisa no quarto capítulo.

2.3 Educar e a Arte Poética

Em sua obra “Poética", Aristóteles faz um estudo sobre a arte e o artista trágico, em suma a obra segundo alguns autores,trata-se de um estudo investigativo sobre a poesia[19] no sentido mais amplo do termo. A obra também é considerada um dos registros mais antigos sobre “Estética", pois além das críticas literárias aos gêneros artísticos, discorre sobre as sensações, decorrentes dos produtos artísticos propriamente ditos.

Hourdakis explica que a definição de arte em Aristóteles é maior do que imaginamos, pois, ele compreende arte como um conceito de variadas expressões. A arte, por ele, poderia abranger o que hoje chamamos de técnica ou ciência, como por exemplo: a carpintaria, a arte de fabricar sapatos, a arte musical, a arte política e a arte do ensino. Todas essas artes tinham em comum o movimento de criação (*Poiesis*) seja de um produto, de uma apresentação ou a criação simples de outros movimentos.

A ‘Arte’, para Aristóteles, era compreendida também como um movimento anti-natural, no sentido de alteridade, aos movimentos já conhecidos da natureza: geração, corrupção, crescimento, diminuição, deslocamento e alteração. A arte teria esse poder como citado anteriormente de complementar, corrigir e inovar aquilo que já se tinha à disposição na natureza.(Aristóteles,2009,p.265)[20] Dessa forma a compreensão profunda da arte e a natureza, é fundamental para entendermos a arte do ensino e da educação.

Lembrando que em Aristóteles a natureza não é sinônimo de completude a arte a criação, aliado a vontade humana tal como seu intelecto, nos fornece tais alternativas. outro conceito de extrema importância que surge na poética é o conceito de mimesis segundo Hourdakis se o conceito de movimento é caro a investigação na Física de Aristóteles, para podermos compreendê lo, o conceito de mímesis tem o mesmo peso para a compreensão na Poética (Aristóteles, 2015, p. 57).

---

[19] Nesse caso na referida obra Poética pode ter sentido geral de produção ou até fabricação de algo.
[20] Na edição Bekker [1337a, 1-3].

Em um trecho da investigação dos diversos generos aristoteles nos esclarece melhor o significado da mimesis:

> Duas causas, ambas naturais, parecem ter dado origem à arte poética como um todo. De fato [5], a ação de mimetizar se constitui nos homens desde a infância, e eles se distinguem das outras criaturas porque são os mais miméticos e porque recorrem à mimese para efetuar suas primeiras formas de aprendizagem, e todos se comprazem com as mimeses realizadas (Aristóteles 2015, p. 57).[21]

A mimesis é um movimento espontâneo ligados a muitos animais, mas no humano (*zoon politikon*) segundo Aristóteles esse movimento chega a ser muito melhor compreendido dado a frequência em que o ser humano a prática, a mimesis está ligado ao aprendizado (Mathesis), pois é imitando que todos alcançam o saber, desde a infância todos são levados a imitação do que se observa então a mimesis é um dispositivo valiosíssimo, para entender a relação da arte e a natureza pois, para Aristóteles a arte quer sempre imitar a natureza, mas não no sentido de fazer cópias exatas, mas no sentido de parâmetro e movimento, para dar seu próprio matiz, ou sua melhoria. Na Poética Aristóteles considera a mimesis como principal fator e o poema como produto, improvisado que posteriormente foi se agregando a ritmos e a melodia tudo isso foi se desenvolvendo naturalmente, porém de formas diferentes, dando origem a diversos gêneros poéticos, até culminar em Homero (Aristóteles, 2015, p. 59).

Hourdakis, aponta que Aristóteles fará uma correlação bastante estreita a respeito da mimesis poética e da mimesis pedagógica pois em ambos os casos a imitação tende sempre para a superioridade para o melhor e o mais belo e que também irá descrever as artes como virtudes do entendimento poético, “[...] entre as virtudes intelectuais junto com o bom senso, que ele define como virtudes do entendimento prático” (Hourdakis, 2001, p. 71-73). Podemos notar então a educação na categoria das ciências práticas assim como ocorre na ética e na política. Não em uma obra, mas como vimos, em várias Aristóteles faz consideração de como deveria ser a paideia. Na política ele faz uma série de recomendações a respeito das disciplinas que deveriam compor as disciplinas como ginástica, gramática, desenho e música. Apesar dele citar e explicar a relevância de cada uma delas, a música

[21] Na edição Bekker [1448b, 4-9].

(*mousikes*) toma um destaque importante, pois nela ele vai destacar alguns elementos fundamentais para formação dos mais jovens.

O ensino da música deveria, segundo Aristóteles(2009,p.273), fazer parte da educação das crianças de forma que não atrapalhasse suas futuras carreiras e nem deixassem seu corpo deformados como se observará em alguns músicos. A música seria segundo ele paideia (instrução) e *paidian* (brincadeira), pois seria nesse misto de disciplina prazer e jogo, que o jovem se habituaria a ter passatempos sadios e a jogos que os pusessem em movimento os afastando da preguiça (Hourdakis, 2001). A música é a mais mimética das artes, pois é na execução do mestre que o aprendiz se sustenta para uma execução mais aprimorada, daquilo que é ouvido.

Aristóteles frisa também a mimese das melodias com os sentimentos e sensações, segundo ele a música através do seu movimento poderia tocar a alma das pessoas. Porém, um outro destaque dado a música é seu caráter catártico que através da reprodução mimética das emoções permitia que as pessoas pudessem descarregar aquilo que era reprimido, no que se refere às emoções. Hourdakis vai destacar que a *kathartases* aristotélica também pode fazer menção a purificação[22],segundo ele Aristóteles tinha a ideia emprestada das artes sejam elas dramáticas, musicais etc. que de mesma forma a educação deveria trazer uma purificação restabelecendo o movimento natural ao comportamento, dos mais jovens, sobretudo no que diz respeito às virtudes necessárias, para que servissem uma *pólis* com hábitos de homens livres, pronto a deliberar sobre os mais diversos assuntos nas mais diversas atividades. Dessa forma a música, a poética e a Paideia, poderiam também representar a ação de purificação e elevação da alma (Hourdakis, 2001, p. 76).

Dessa forma podemos ver a estreita ligação entre o poeta o educador e o legislador, na busca segundo Aristóteles do belo e do mais elevado e o virtuosamente superior e justo, tanto na educação quanto nas artes e produções.é justamente na produção (*Poiesis*) que se destaca a natureza humana de criação.

Retomando as questões anteriores é bom lembrar que Aristóteles assim como a maioria dos gregos foram expostos a gama imensa de produções artísticas

[22] Segundo Hourdakis (2001),. Segundo o autor, a ideia de *khatarthases* aparece também na discussão aristotélica na obra Meteoros, comparando a similaridade do uso do termo catarse, tanto na mencionada obra, quanto na Poética.

sejam elas por via orais ou textuais, assim nos aponta, Jaeger na obra “Paideia” (1995), não esqueçamos também que a poesia sobretudo dos maiores (Homero, Hesíodo) formaram uma boa parte da aristocracia grega que retiravam dos mitos e poemas cantados as mais belas lições sobre virtudes *e coragem*. Podemos então considerar que quando o Aristóteles se debruça de forma investigativa sobre a poesia, tudo a trágica, ele vai dar destaque a ação ou o agir (*dramata*)[23] , do personagem na tragédia. para ele tal personagem ele seria um herdeiro de uma tradição muito mais antiga que tirava desse gênero lições fundamentais para formação de algumas das mais notáveis figuras heróicas gregas. Segundo Aristóteles, Homero mimetiza, através de sua poesia, a vida de heróis notáveis no passado de importantes feitos para os gregos.

Se no passado tínhamos o poeta que educava através de sua poesia, em Aristóteles veremos o retorno da poesia da música e da oratória como dispositivo para a fabricação do homem. Hourdakis (2001, p. 24) enfatiza a utilização do termo *akouontes*[24] utilizado por Aristóteles na obra “A Política”, para se referir ao ensino, fazendo uma relação indireta ao ouvido,ou audição, pois está relacionado tanto modo de se aprender ou ainda a importância da oralidade do discurso na mudança de hábitos salutares introduzido pela tradição (*paideia*). Apesar de não tratarmos deste assunto de forma aprofundada e extensa, como talvez ele mereça, o intuito aqui é apresentar diversas formas de como a Educação ou a Paideia em Aristóteles é abordada pois foram elementos que me inspiraram a fazer essa investigação sobre o tema principal.

[23] *dramata* que segundo o tradutor vem do grego *drao* que significa agir, fazer, ação.
[24] A escolha de Aristóteles para se referir ao Ensino na Política, akouontes, dá uma noção do Ensino passado pela oralidade dos mais velhos para os mais novos, como era no tempo dos antigos *Aedos*.

3 O que podemos aprender com Aristóteles sobre o Ensino de Filosofia?

Neste capítulo teremos, em resumo, a questão norteadora desta dissertação de mestrado e as possíveis respostas relacionadas a estes anos de pesquisa na temática proposta neste trabalho: ensinar e aprender a partir de Aristóteles. Teremos aqui exposta a apresentação de metodologias para a construção de um produto didático e sugestões que nos permitiram acrescentar dispositivos na prática de ensino de filosofia.

O Ensino de Filosofia tem tomado um espaço cada vez maior dentro das áreas de pesquisa filosóficas e científicas e isso se dá por uma exigência legal e por uma demanda social de acréscimo da disciplina de filosofia na educação básica, tanto no ensino de nível médio quanto no ensino de nível fundamental. Como tradição na Filosofia, os diversos debates e questionamentos surgem dando margem a uma série de pontos de vista, sobre o que viria a ser o “Ensino de Filosofia”.

Em qualquer outra área, tal debate poderia soar como retrocesso da atividade, porém na Filosofia esses questionamentos são extremamente salutares pois, a Filosofia está sempre voltada para si. Então, ao se questionar a respeito de si, de suas condições e de seus próprios conceitos, demonstram uma diligente potência e um vigor próprio da atividade filosófica. Dessa forma, tomemos aqui a forma mais básica e comum que podemos tratar o Ensino de Filosofia relacionado a prática de livre docência, ou seja, de Filosofia como disciplina no Ensino Básico (de nível fundamental e de nível médio). Não iremos aqui dissertar sobre conceitos de Ensino, mas de como podemos obter ideias e práticas que corroborem para aulas mais aproveitáveis de Filosofia, lógico, tomando alguns exemplos e conceitos aristotélicos para tal empreitada.

3.1 Ensino e Metodologia

Não existe, até onde se sabe, no conjunto das obras de Aristóteles , uma menção direta ou um estudo específico sobre o Ensino de Filosofia, por duas razões: A nossa ideia contemporânea sobre Ensino de Filosofia em muito diverge da ideia antiga não são na concepção de “Ensino” mas sobretudo o próprio olhar sobre o termo Filosofia toma um outro aspecto, pois para Aristóteles filosofia se refere a uma amplitude de conhecimento e saberes extremamente abrangente, dessa forma poderíamos compreender a chamada filosofia aristotélica à várias ciências como física, poética biologia, política etc. o quê não acontece nos dias atuais temos Filosofia como uma disciplina relacionada ao pensamento, lógico, dialético e especulativo etc.

Dessa forma podemos perceber que ao falar de filosofia o pensador se referia a um estudo indutivo, dedutivo, dialético etc. sobre os mais variados saberes. Porém podemos considerar sim, que em Aristóteles temos, geneticamente, hoje nossa ideia de divisão e categorização da Filosofia, digo isso pelo fato de chegar a nós um grande número de tratados, teorias atribuídos ao pensador, sobre estes assuntos, é perceptível na história da ciências os diversos autores que ao menos dialogam com Aristóteles, sobre categorias, divisões, substâncias entre outros assuntos.Desde a antiguidade Aristóteles e seus escritos se preservaram no mundo arabe e na idade média europeia, trazendo seu legado desde a modernidade até aos dias atuais. Podemos inclusive considerar nossa concepção próxima a prática de buscar os princípios norteadores de tudo o que deveria ser investigado, estudado e investigado, possa ter vindo do estilo aristotélico de pensar.

Quando consultamos alguns proeminentes nomes do Ensino de Filosofia, como por exemplo Gallo e Kohan (2001)[25], vemos de certo modo consenso, quando diz respeito à necessidade de caminharmos para um ensino mais ativo de filosofia, um ensino que promova mais atividade do pensar filosófico, do que o mero conhecimento enciclopédico da disciplina (Gallo Kohan, 2000 p. 179-180). Da mesma forma se dá com a questão da multiplicidade de saberes que envolvem o

[25] Gallo e Kohan, trazem essas e outras questões abordadas aqui, predominante em texto em conjunto dos dois, chamado "Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a filosofia no ensino médio", publicação de 2001.

saber filosófico ou seja com fato de não haver uma filosofia mas inúmeras que podem ser entendidas de variadas formas. Ou seja, devemos ter em mente o que estamos lidando: com “filosofias” e não filosofia, como muito bem sugere as tradições, que sempre encaminham a história da filosofia por uma direção de consensos entre os mais notáveis nomes, lógico, variando de tempos e lugares diferentes.

Portanto, devemos também aceitar a possibilidade de serem criadas várias metodologias que em sua especificidade possam garantir uma eficácia na relação ensino-aprendizagem. A ideia de vários métodos, conversa a ideia da multiplicidade de olhares sobre as filosofias. O método de uma aula filosófica não deve ser aplicado de forma, em que a cada assunto tenha um método, mas antes devemos fazer uso de todo arsenal metodológico, quanto for necessário, para fortalecer a questão do ensino-aprendizagem.

Antes de entrarmos na questão metodológica propriamente dita, é importante relembrarmos algumas questões e a relacionar com o Ensino de Filosofia. O primeiro ponto é que temos que ter em mente que o Ensino de Filosofia pode ser considerado um movimento, nossas relações de professores alunos e sociedade também são movimentos, a dinâmica de ensinar tem a ver com todos esses movimentos, então as metodologias eles devem partir de movimentos e chegar a determinados movimentos. O Ensino de Filosofia não é um movimento natural ou físico, mas nasce de necessidade criadas por nós; Mas de que tipo seria esse movimento seria?

Como vimos anteriormente no percurso aristotélico, seria um ato criativo ou seja artístico pois, trata-se de uma *poiesis,* de uma ato de criar cheio de possibilidades. Recobrando os capítulos anteriores seria um movimento criado para suprir um movimento natural complementar ou corrigir. O produto a ser criado com Ensino de Filosofia gira em torno de um movimento que é a aprendizagem ou como visto anteriormente a passagem de um estado ao outro como no exemplo da aprendizagem gramatical. Esse produto tem como finalidade criar mais um outro movimento, que é a “reflexão filosófica". Quanto mais eficiente o ensino for, mais abertura ele proporcionará a aprendizagem. Dessa forma, tanto o método quanto o ensino, o produto e o objetivo, não passam de movimentos que podem ser criados e

desenvolvidos sempre tendo em perspectiva a natureza da alma humana como já visto em Aristóteles. A ideia é criar um método e roteiro, que envolva a aprendizagem, a arte e a criação que garantirá certa apreensão do movimento proposto. Devemos considerar, nesse método/roteiro quatro conceitos, ou momentos principais são eles *possibilidade e prática , mímesis e poiesis.*

3.2 Possibilidade e Prática de Ensinar

A possibilidade a ser observada está no fato de perceber o público a qual a aula será direcionada, isso é antes do movimento se dar observar as potencialidades da aula proposta e dos conceito a serem trabalhados, parece evidente essas coisas, mas muitas das vezes nos vemos dando aula para “paredes”, pois previamente temos determinados assuntos designados para estudantes que não possuem uma mínima condição de compreensão do que está sendo exposto, em uma determinada aula. Isso inviabiliza o andamento da aula e nos desprestigia como profissionais que somos, como resultado frustração e falta de aprendizagem. Ter clareza sobre as disposições dos alunos e as condições é essencial para que a aula se realize.

A realização da aula é o objetivo da aula, Isso significa que podemos ter variados pontos de vista sobre uma aula de filosofia mas, em geral, a aula que se realiza é mais excelente e adequada em relação a aula que se faz só, por exemplo: por aporias ou uma questão pertinente ligada a um conceito específico dentro de um texto específico. Pois muitos temos a sensação que tais aporias, ou questões serem suficientes para que os educando conduza suas próprias elucubrações sobre o exposto. Tal aula de apresentação de *aporia* é típica do meio acadêmico, entre pares e pesquisadores, isso não acontece com frequência entre alunos intermediários. Por uma razão muito simples, poucos são os alunos familiarizados com os textos filosóficos. Então essa questão não gira em torno do potencial intelectual do aluno mas da falta de familiaridade com o exercício filosófico e com a dinâmica típica de quem já tem um estudo sistematizado a respeito de temas filosóficos.

Muitos alunos quando apresentados a aporias filosóficas, pela primeira vez, tendem a resolvê-las, utilizando-se de preconceitos socialmente estabelecidos, pois, ainda não tiveram oportunidade de formular saídas, se utilizando da razão e linguagem reflexiva, proposta pela Filosofia. Em suma trazer um bom problema para aula, sem avaliar o estágio de proximidade dos alunos como exercício filosófico pode proporcionar uma aula desastrosa Tudo isso, deve ser revisto sob o ponto de vista de cada professor, e do que se pretende dentro de uma aula.

Uma aula adequada não pode se confundir com uma parte ou fase da aula; o próprio Aristóteles sugere as aporias como princípio de despertar o raciocínio de seus alunos, mas de maneira nenhuma uma aula se faz só pelo seu início. Começar, propor, expor as ferramentas e os exercícios, são elementos que fazem parte de uma boa aula de filosofia, pela completude dos movimentos naturais da psique e da boa didática. Ou seja, as aporias são importantes partir delas é um começo, mas devemos investigar primeiro a condição elementar do aluno e as conexões que o mesmo está fazendo das aporias antes de entrar no problema em si proposto pela escolhida questão.

Uma aula de filosofia tem como pretensão o ensino de determinada matéria ou questão apresentada por um filósofo ou um autor. Muitas vezes nós na filosofia negligenciamos os exercícios de pensamento depois da apresentação de um determinado tema ou matéria. Ou seja, muitos de nós acabamos de apresentar um tema e não damos importância nos exercícios necessários a uma assimilação maior do conteúdo pretendido. Porém, quando se trata de alunos do ensino médio, que geralmente não possuem uma familiaridade com textos filosóficos, torna-se muito difícil tal aula, que muitas vezes se torna incompreensível para tais alunos. A falta de contato com textos filosóficos também os afastam de uma série de vocábulos, termos ou conceitos intraduzíveis fora de seus lugares de nascimento. A exposição dos temas filosóficos sem seus contextos literários, só se torna real quando existe uma aproximação com aquilo que é entendido com mais facilidade pelos ouvintes, no caso os alunos.

A aproximação dos alunos com o pensamento se dá com mais intensidade na hora de exercitar os conceitos apresentados. E podemos entender como exercícios de conceito o momento da aula em que o aluno se vê desafiado a tomar o conceito e

tentar utilizá-lo de modo a tomar maior intimidade com ele, isso se faz na hora do exercício sem o auxílio direto do professor, mas na proposta reflexiva que os exercícios proporcionam. No entanto, mesmo depois de uma explicação do problema abordado, muitos têm dificuldade de assimilar memorizar ou até compreender o que foi visto, então é no exercício do abordado, que notamos uma maior desenvoltura com o conteúdo dado; é na prática do exercício que aluno quando adepto se sente mais participante da aula. Para que a teoria seja bem assimilada (entenda apreendida) é necessário o movimento de contradições que só o exercício proporciona através dos contrastes de pensamento divergentes. Digo isso que ao exercitar tal conceito ou seja compará- lo com fatos do cotidiano ele o aluno, realmente compreendeu sua aplicabilidade. O debate e a percepção de outros pontos de vista que divergem ou convergem com os seus, traz clareza e auto reflexão. No exercício coletivo ele percebe a variedade de possibilidades de abordar determinados conceitos ou idéias. É importante que nós professores nos atentemos a todos esses aspectos e não desprezemos esse momento tão crucial que é o exercício filosófico pedagógico, entendendo que nele se faz de forma prática uma abordagem onde o aluno possa aproveitar o conteúdo.

3.3 *Mímesis* e *Poiesis* no Ensino

Como vimos nos capítulos anteriores a imitação é um fator primordial e tipicamente humano (*zoon politikon*) usado para assimilar e aprender de modo geral, dessa forma *Nimesis* pode se tornar uma ferramenta poderosíssima no Ensino de Filosofia, pensando nisso, logo nos ocorre uma pergunta: Na observação performática de um filósofo podemos aprender com facilidade o que é filosofar? Se a resposta depender de um ponto de vista aristotélico, poderíamos supor que sim, pois a exemplo do que afirma Hourdakis:

> Chegado a esse ponto, Aristóteles menciona que o instinto de imitação é bem mais desenvolvido no homem que nos animais e que se manifesta no homem desde a tenra infância, mediante ao jogo, que o filósofo considera um meio importante de ensino e de

> formação. Além disso, ele considera que o jogo é a imitação de todas as tarefas sérias, que constituem o objeto da educação das crianças, quando se tornam maiores (Hourdakis, 2001, p. 71).

Aqui o comentador relaciona a imitação com o jogo de aprender que podemos observar desde dos primeiros passos da educação de uma criança; o que responderia a questão se imitar num sentido de "faz de conta" um filósofo poderia nos aproximar de uma prática filosófica com maior facilidade. Ou seja, no que se refere ao Ensino de Filosofia, talvez o aluno poderia despertar uma dimensão maior da disciplina se caso fosse convidado ao jogo de faz de conta, onde ele pudesse imitar um filósofo na busca da solução de uma determinada aporia ou na elaboração de um conceito. É importante observar que Hourdakis como um especialista em Aristóteles usa de sua liberdade para entender nessa passagem específica a dinâmica de um jogo com a brincadeira da imitação. Talvez a passagem a qual ele esteja fazendo referência indireta a um fragmento da Política:

> Os contos e fábulas que convém fazer lhes ouvir nesta idade serão objeto da vigilância dos magistrados encarregados da fiscalização das crianças. Todos esses jogos devem preparar o caminho aos exercícios que eles seguirão mais tarde; para a maioria, outras tantas imitações de todos os exercícios que eles farão depois de um modo sério (Aristóteles, 2009, p. 263)[26].

Isso importa para nós educadores porque nos abre um leque de possibilidades de métodos que realmente podem ser experimentados na prática de levar o educando a um entendimento mais significativo. Não se trata aqui de levar o aluno a ser um filósofo mas incutir nele a ideia que a reflexão profunda e filosófica, pode ser feita às vezes seguindo o exemplo de outros pensadores.

É importante ressaltar que o jogo o qual Hourdakis se refere no sistema aristotélico é o da imitação como uma espécie de jogo ou brincadeira , sendo assim, parte de um ponto de referência que podemos tomar como exemplo a ser copiado em nossa prática na sala de aula. A imitação não se dará em sentido de reprodução fiel, mas com objetivo de experimentar a prática de quem ou do que se imita, melhorando a percepção da sua própria atuação. Atuação no que se refere aos modos de problematizar ou de solucionar determinados problemas.

Quando pensamos na situação da sala de aula, o aluno também poderá imitar um filósofo ou uma situação onde o pensamento filosófico fosse ferramenta para

[26] Na edição Bekker [1336a, 30-35].

resolver determinados problemas como já dito. Em termos práticos o professor seria como um espécie de mediador ou agente que poderia esta trazendo exemplos práticos através de vídeos, textos ou imagens de pesquisas, para que o aluno pudesse escolher os objetos de suas imitações. A ideia aqui é trazer a possibilidade do aluno escolher seu referencial de imitação para que o mesmo se sinta imerso na atividade reflexiva, não negligenciando a importância dos textos ou da aula expositiva, o brincar de imitar pode servir de início, ou convite a exemplos práticos de um determinado assunto pode ser encarado na perspectiva filosófica.

Outras questões que se levantam como desafios para nós professores, são : será que as nossas aulas também serviriam como ponto de partida para que nossos alunos também pudessem imitar? Até que ponto, enquanto damos aulas devemos atuar como exemplos filosóficos a serem imitados pelos alunos. Seria necessário, nós professores atuarmos, como filósofos na sala de aula, para que os alunos tivessem exemplos práticos para imitar?

A primeira coisa que devemos ter em mente é que as aulas podem variar muito de um conteúdo para outro, porém como é nosso objetivo o exercício do pensamento e apreensão do conteúdo proposto, tais aulas devem sempre comportar exemplos práticos de filosofar ou seja o aluno deve ter contato direto com que é típico do pensamento filosófico, isso requer de nós professores não só uma aula expositiva mas cênica, no sentido mais amplo e não específico do termo. Isso não significa que nós, professores, devêssemos nos tornar atores teatrais, mas que devemos observar elementos típicos da arte poética, teatral, musical, com a finalidade de extrair certos elementos que proporcione a aula que servirá de exemplo ao exercício de filosofar. Não quero aqui dizer que os filósofos eram atores, mas antes trazer os exemplos da antiguidade abordados nos capítulos antecedentes em que na antiguidade existia uma relação estreita entre os filósofos e as artes de suas épocas.

Não é nossa intenção nos estender sobre o debate: o professor de filosofia seria ou não considerado um filósofo? Porém, fica claro aqui que a posição defendida é a de que lecionar também é performar, com o objetivo de servir exemplos de como se deve conduzir uma boa reflexão, provocando, dentro das possibilidades do aluno, uma visão propícia para imitação da prática filosófica.

Sendo professor filósofo ou não, a atuação de como se deve conduzir a reflexão é indispensável para o processo de assimilar a prática filosófica.

Vejamos um exemplo disso na seguinte hipótese de aula , o professor queira trazer o debate sobre a "justiça" em que ele escolhesse o diálogo de Platão, na República, onde Sócrates interpela Trasímaco, mostrando seu despreparo sobre a boa condução do conceito de justiça. O professor não só deveria trazer o diálogo na proposta de leitura e análise, como comumente é feito. Mas ao ler em voz alta, poderia interpretar ou convidar um aluno voluntário, tomando o lugar de Sócrates na situação em que o mesmo agiria fazendo perguntas e respondendo como se ele fosse. Esse tipo de atuação poderia trazer ao aluno uma espécie de imersão típica da sensação de estar assistindo um episódio em que os mesmos pudessem observar o modo de atuação de um filósofo frente a um problema ou questão. Trazendo a possibilidade dos alunos se experimentarem como os espectadores que testemunham os embates socráticos, como se lá estivessem.

A ideia da proposta não é criar um espetáculo na aula de filosofia, mas de parte da aula também servir como um produto artístico e cênico para que possa assim estar sendo levado a relacionar uma aula de Filosofia, com um momento de prazer e alegria imersiva. O prazer em observar e depois pensar sobre o que se viu é natural no humano, ao assistir a desenvoltura de um filósofo, o aluno tende a se sentir mais seguro quanto ao que é filosofar, pois este ainda não tem estrutura, para adentrar em um debate puramente teórico sobre o assunto. Digo isso pelo fato dessa sugestão metodológica de aula ser direcionada a alunos do ciclo básico do ensino, onde a disciplina aparece como uma forma de promover o senso crítico e o pensamento ampliado, dos que ainda não possuem em condições de alunos iniciantes, ou intermediários.

Quando na Política, Aristóteles afirma que: o Legislador e Educador devem conhecer em profundo a alma humana, significa justamente reconhecer os artifícios pelos quais as almas podem ser conduzidas, criando uma "psicogogia"[27], que a arte é capaz de proporcionar. Tais Artifícios estão mais no campo da sedução do encantamento e da admiração causadas pelas artes, sobretudo nas artes em geral; que proporcionam ao espectador uma espécie de êxtase e prazer. Assim como

[27] A ideia de psicagogia, surge a partir da ideia e do encanto promovido pelas artes, trágicas, musicais etc. de poder conduzir a alma ou a psique.

acontece na arte, o ensino deve conduzir o aluno para excelência no que se refere ao cultivo de atividades benéficas e virtuosas promovendo valores sociais e políticos saudáveis e equilibrados. No caso do Ensino de Filosofia, ele deve se instrumentalizar de artifícios artísticos, com a finalidade de produzir nas referidas almas o hábito de filosofar e de obter boas escolhas, promovendo a prática de boas ações.

4 O Jogo como Instrumento do Saber

Na obra “Política”, de Aristóteles (2009) fala do jogo como instrumento educativo, de extrema validade para o estímulo da aprendizagem, mas também como importante aliado para ser introduzido na vida política. A correspondência entre a constituição da cidade e a educação de seus membros é abordada nos livros anteriores, mas no sétimo e oitavo livro Aristóteles evidencia sua preocupação com a formação dos jovens que seria direcionada, para liberdade e para dignidade. Ainda nesses livros ele ressalta a importância da educação comum entre os jovens, desconsiderando a ideia de uma educação particular ou privada(Aristóteles, 2009,p.265). Para ele tanto governantes como governados deveriam ter a mesma educação. É neste contexto que ele começa a fazer considerações sobre o objetivo da formação e quais seriam os elementos constitutivos de uma educação que fosse conveniente aos homens livres. Um outro momento peculiar é quando Aristóteles faz considerações sobre o trabalho e o repouso, deixando em destaque o lugar da formação dos mais jovens, justificando como se daria a disposições das disciplinas que deveriam ser adotadas na formação desses mais jovens.

Observemos o seguinte trecho: “Toda a vida se divide em atividade e repouso, em guerra e em paz. Entre as ações, algumas há que são necessárias e úteis, e outras a que se referem ao belo” (Aristóteles, 2009, p.256)[28]. Podemos ver aqui um fragmento que ilustra exatamente o lugar que a formação disciplinar ocupa no pensamento aristotélico, pois ao fazer tais divisões ele se interessa em dizer quais seriam as disciplinas em tempo de repouso típica aos aprendizados de homens livres. Tais disciplinas a serem ensinadas no repouso e com a finalidade na beleza. Logo adiante ele diz: “...porque é preciso que os cidadãos que se entregam a vida ativa, estejam em condições de fazer guerra, mas vale mais gozar da paz e do repouso.”(Aristóteles, 2009, p. 256)[29]. Aqui ele reforça a ideia que o repouso é o lugar da formação e essa formação também deve vir acompanhada de lazeres. A paz e o repouso demarcam o lugar da formação. Dessa forma as disciplinas devem

[28] Na edição Bekker [1333a, 31-33].
[29] Na edição Bekker [1333a, 42-1333b].

atender os requisitos de repouso, ou seja devem ser direcionadas a esse momento formativo, pois vejamos:

> Do que se depreende claramente que para saber compreender os lazeres da vida liberal, é preciso que se aprenda certas coisas, se desenvolvam e que esses estudos tenham por fim o próprio indivíduo que goza desse repouso, ao passo que o trabalho aplicado às coisas necessárias refere-se mais particularmente aos outros que a nós próprios (Aristóteles, 2009, p. 270)[30].

Nesse trecho vemos uma preocupação de Aristóteles, que não só se preocupava com a formação para constituição da cidade, mas com a dos indivíduos de forma interna, isso era de tamanha importância. Ou seja, com uma formação que pudesse desenvolver no indivíduo determinadas virtudes ou saberes mais direcionado para as coisas próprias, do que para coisas úteis e necessárias, típicas dos trabalhos direcionados aos outros. Isso é de extrema importância para entender que em Aristóteles o cultivo de si, também fazia parte da sua expectativa formativa. E é nessa perspectiva que podemos falar de lazer. No início do oitavo livro ele fala das preocupações e das disciplinas de sua época, defendendo seu ponto de vista sobre tais disciplinas, como gramática, desenho, ginástica etc. Nesse mesmo contexto, o pensador abre espaço para falar de como os passatempos saudáveis e as disciplinas não necessariamente úteis como a música fazem parte dos lazeres a serem introduzidos na formação, assim podemos dizer escolar.

Ainda no oitavo livro temos a seguinte formulação: “Parece que existe no próprio descanso, uma espécie de prazer e felicidade e encanto unidos à vida , mas que se encontram somente nos homens livres de todo trabalho” (Aristóteles, 2009, p. 269)[31]. É importante frisar que para Aristóteles o ato de aprender pode ser considerado um ócio, de onde deriva a palavra "schole”. E que o prazer e a felicidade assim como o encanto fazem ou deveria fazer parte deste contexto. Daí a ideia de jogo, lazer, diversão, faz parte desse contexto de formação dos mais jovens como já havíamos visto anteriormente.

É importante levarmos em consideração que atualmente na escola onde desenvolvemos o Ensino de Filosofia, a escola não é pensada como em Aristóteles.

[30] Na edição Bekker [1338a, 9-13].
[31] Na edição Bekker [1338a, 2-4].

Pois estudar também se configura numa espécie de trabalho tanto da parte de quem ensina, como também no trabalho de atenção, produção, e avaliação os quais os alunos são submetidos. Ou seja, quero dizer que os ambientes escolares hoje, são considerados ambiente de trabalho, ainda que não seja extenuante como trabalho braçal, o trabalho intelectual não se configura menos tenso. Este capítulo representa a tentativa de estabelecer uma relação de Jogo saber e alguns dos seus usos no ensino de Filosofia. Logo, nos próximos tópicos abordaremos esse sentido de jogo que parte das leituras de Aristóteles mas não configura um conceito propriamente aristotélico, pois na transpassagem do tempo antigo para nossos dias o sentido das coisas mudam. Sendo assim, é um conceito inspirado na leitura sobre educação na Política e na Poética. Pois assim, evitaremos confusão de compreensão pois em outro contexto jogo pode oferecer outros contornos diferentes de distração brincadeira ou ocupação agradável.

4.1 A Filosofia e o seu saber

Quando se trata de Ensino de Filosofia, inevitavelmente pensamos no que seria o que é o saber e como saber, porém aqui o objetivo não será esse, dessa forma não irei me estender mais que o necessário, mas antes procuraremos uma delimitação poderia ser considerado o saber filosófico dentre de um contexto específico, para entendermos o contexto a qual a proposta metodológica está alocada.

Para isso, voltemos à ideia de movimento (atividade) e de como o ensino também se constitui de atividades, dentro do paradigma aristotélico de abordado anteriormente. O saber da mesma forma também se faz dessas atividades. Para entendermos essa relação de saber aprender em consonância com Ensino da disciplina de Filosofia, devemos primeiro ao modo aristotélico, considerar que a Filosofia como disciplina deve ser encarada como espécie de saber ou a uma ciência, a qual o aluno desprovido dela previamente, deverá ser capaz de dominá-

la. Aprender e dominar aqui no sentido de uma competência básica do ensino formal. Tal como previsto nas Leis de diretrizes e bases.

Portanto podemos pensar assim como o filósofo Moraes(em sua obra Do Admirar-se ao Admirar) que a filosofia em Aristóteles, pode ser vista como uma ciência ou como uma arte que pode ser aprendida onde seu ensino é conduzido por quem sabe dos princípios (axiomas) a serem administrados no ato da aprendizagem. vejamos o seguinte trecho:

> Para que uma ciência possa ser aprendida de modo seguro e consistente é preciso que ela seja ensinada por alguém que já a possua. Ninguém nasce de posse de uma ciência. Já aquele que chega a possuir uma determinada ciência é, sobretudo, reconhecido por sua capacidade de ensiná-la. No entanto todo ensino e, por seguinte todo aprendizado, seriam impossíveis sem a posse de certos conhecimentos prévios, que o professor não pode simplesmente transmitir ao aluno.O ato inaugural de ensino de qualquer ciência, é assim uma requisição e uma requisição especial, pois trata- se de imputar ao aluno certos conhecimentos que, sem o saber, ele já deve possuir. Aquilo que assim é requisitado como devendo ser forçosamente admitido é o axioma (Moraes, 2006, p. 192-193).

Moraes (2006, p. 192) traz elementos essenciais para ajudar a entender a relação entre o que deve ser aprendido e o que é prévio requisito ao aluno. Aqui ele reforça a ideia que para aprender de forma segura e consistente, é preciso que o aluno deposite uma certa confiança naquele que sabe, no caso o professor. “ Do admirar-se chega-se ao admirar, como princípio de um conhecimento plenamente seguro de si!”. Isso tira da ideia prévia que o conhecimento é um mero exercício de opiniões e elucubrações particulares, mas antes mostra a ciência que deve ser aprendida por alguém que sabe e que esse saber vai além de uma especulação. Mas que é uma ciência que possui princípios e regras próprias.

Isso é fundamental quando nos perguntamos sobre o que deve ser aprendido na filosofia, pois, segundo ele, os princípios, eles são condições de aprender e também requisitos, sem os quais não há aprendizado, isso acontece quase como um paradoxo. É como se os princípios estivessem nas coisas que serão aprendidas, ainda que não tenhamos essa noção. Por mais que tenhamos posse do que seria Filosofia esse saber já se encontra disponível, no aluno ainda que o mesmo não saiba. Para Moraes em Aristóteles existe uma diferença entre aquilo que é assimilado pelos sentidos(percepção sensível) e aquilo que nos é dado através do

exercício do intelecto, o qual o *nous* da alma certamente participa (Moraes, 2006, p. 190-191) Ou seja, o saber dado pela experiência sensível é diferente do saber do exercício de raciocínio (Moraes, 2006, p. 190) , isso já aponta uma direção para entendermos a filosofia mais como um exercício do pensar, do que uma apreensão captada apenas pela experiência sensível. Ainda que o raciocínio também dependa previamente dessa experiência.

Sendo assim, aprender Filosofia (disciplina) é como aprender uma ciência qualquer, ou seja é necessário dominar determinados princípios que são próprios dela ou as que delas derivam, por exemplo a pessoa que administra a disciplina tem que estar ciente dos axiomas próprios dessa peculiar disciplina, e conhecer seus fundamentos e regras que dela são próprias. Isso, por si, já elimina a ideia que a Filosofia por se tratar de um exercício de raciocínio, e como tal possa ser ensinada por qualquer uma pessoa que se ache capaz de raciocinar de forma especulativa e espontânea. Confundir a disciplina de Filosofia com a liberdade de pensar confunde os objetivos propostos em cada caso.

Muitas pessoas se arriscam no Ensino de Filosofia sem ter uma prévia noção dos axiomas dessa ciência, confundido a disciplina com uma mera atividade de exercícios do raciocínios. De certo que o raciocínio faz parte e é objeto da disciplina, mas a disciplina em si, mas como demonstra Moraes se configura como um saber distinto e que possui seus próprios, princípios além, dos princípios comuns a linhagem humana. Como por exemplo o princípio de identidade, que são prévios a qualquer aprendizado. É importante que haja uma distinção clara entre a “acepção vulgar” de filosofia, com a Filosofia disciplina, pois quem quer que possa se aventurar a ensinar deve ter noção da ciência em questão, o fato de afastarmos a Filosofia da ciência ou de uma arte que possui técnicas próprias, desvirtua empobrece validade e importância de ser tratada como uma disciplina importante no contexto educacional.

É importante que o professor de Filosofia a trate como uma ciência ou arte que possui regras próprias e princípios que a constitui, isso é importante para assegurar o prestígio como uma disciplina que compõe as competências educacionais, desenvolvida ao decorrer dos cursos básicos. Dessa forma a diferença é basicamente de se ensinar a pensar com ensinar a pensar bem,

ninguém ensina ninguém a pensar, mas pensar bem já é uma terceira coisa. Pois pensar bem implica em modos que são melhores ou piores que outros, daí surgem os diversos debates filosóficos. Mesmo o aluno não tendo claro para si tais princípios, eles já os possuem, princípios requisitados na essência do que Aristóteles chama de *Nous*, ou na capacidade noética do educando. Os requisitos mínimos de onde qualquer ser humano deve possuir para o entendimento de filosofia, temos que pensar no ato ou no movimento que envolve o ser enquanto busca um saber filosófico e também sua finalidade. O que se aprende na filosofia ou que será aprendido na disciplina é uma discussão infinita que faz parte dos círculos profissionalizantes do Ensino de Filosofia. O próprio Aristóteles não deixou claro a definição de filosofia quando ele fala de educação ele na *Política;* ele fala dentro da sua visão de organicidade de relações entre a vida política e saberes importantes para a estabilidade de todo um sistema de *comunidade*[32] seja ela a que vai da familiar até a estatal (*pólis*).

Então trataremos aqui de um conceito de filosofia específico de surge a partir de Aristóteles, mas não é dele propriamente explícito. trata-se de um conceito em construção de pensadores especialistas que se debruçam nos mais diversos livros e textos do pensador. Barbosa, por exemplo, filósofo e pesquisador aristotélico, que no seu texto “Um ensino natural de filosofia? reflexões a partir da Física de Aristóteles” nos traz uma série de observações a respeito do conceito filosófico que surge na leitura da Física quando Aristóteles propõe em caráter introdutório observações a respeito de princípios e delimitações, antes de entrar no cerne da questão que é o movimento. Segundo Barbosa:

> Após ter apresentado o objeto, o caminho de todo conhecimento e do conhecimento da natureza, isto é buscar e lidar com princípios, depois de ter indicado de modo latente o sentido de filosofia, isto é, conhecer os princípios primeiros e, com isso, o papel da natureza enquanto princípio ontológico e epistemológico, o texto da Física passa a tratar do percurso de conhecimento daquele que desconhece algo e passa a conhecer (Barbosa, 2019, p. 51).

Barbosa (2019) nos aproxima de um possível sentido de filosofia em Aristóteles, que seria da busca pelo conhecimento dos primeiros princípios, que diferente do que foi dito anteriormente sobre os prévios princípios(axiomas), tais

[32] Para Aristóteles o zoon politikon se organizava em comunidades familiares, grupos de família, e em *Pólis*, e isso era visto como natural ou pertencente à espécie humana.

princípios seriam aquele que necessariamente devem indica a natureza latente daquilo que nós podemos chamar de ser. Ou seja, essa aproximação está mais relacionada com um saber filosófico mais próximo da concepção aristotélica pois remonta a busca investigativa pelos princípios prévios, seja do ser ou do entendimento como dito por Moraes. Este saber ainda preocupado com a transformação do ser que é afetado pelo movimento da busca filosófica.

Para Barbosa (2019) a passagem entre o desconhecer e o conhecer tais princípios, trata-se de um percurso, onde a alteridade do ser para o vir a ser se constitui numa espécie de exercício radical ou filosófico. Essa alteridade do ser ao vir a ser ou ao devir, consiste nas constantes reformulações das nossas concepções diversas, trazendo para atividade um saber que outrora poderia estar cristalizado, ou apoiado por conhecimentos superficiais, dessa forma isso para estar ligado a um saber que propõe uma mudança radical.

Ainda nesse texto ele destaca a metodologia, proposta por Aristóteles na Física, de que, antes de tratar desses princípios primeiros ou causas, deve se começar pelas coisas que são mais cognoscíveis. Barbosa (2019, p. 52) explica que ”[...] sem partir daquilo que é para nós mais cognoscível não se chegará a conhecer aquilo que é mais claro e mais cognoscível por natureza”. Isso reforça a ideia de respeitar todo o conhecimento prévio que se deve ter sobre as coisas gerais percebidas por todo conhecimento, antes de buscar o ensino de tais princípios universais, de forma a teorizar sobre os mesmos se utilizando da razão.

Reiterando uma parte importante do pensamento aristotélico em que a familiarização do que se conhece antecede as coisas as quais buscamos em vista ao geral. Dessa forma, como resposta às inspirações em Aristóteles, o professor de Filosofia deve observar essa dinâmica natural do comportamento humano antes de planejar sua aula. Paixões, sensações e percepções são, em última instância, também formas de se ter um conhecimento prévio sobre as coisas que posteriormente serão tratadas como princípios gerais. Barbosa nos lembra que em Aristóteles a natureza é o princípio de todas as coisas. Isso significa que a Physis e a Física é matéria fundamental para a investigação do movimento tanto de se praticar quanto de permitir o aprendizado da filosofia, tendo um sentido de investigação dos primeiros princípios, causas da natureza e das coisas.

A própria obra de Aristóteles, “Física”, é antes de tudo uma investigação filosófica dos princípios e causas dos movimentos e da própria natureza, portanto, obra muito importante para entender a dinâmica do ensino de tais princípios.

Dessa forma um saber filosófico típico do que deveria ser aprendido na aula de Filosofia e ensinado na Filosofia, se aproxima de uma busca ativa dos princípios e das causas de todas as coisas, esclarecendo ou evidenciando as possíveis relações entre tais princípios e seus entes envolvidos. A busca da filosofia aqui defendida é a busca pelo conhecimento tão radical quanto possível, daquilo que antecede as leis e as superfícies das coisas. A filosofia de certa forma pode sim, ser entendida como o crescer em consciência daquilo que as coisas são e suas relações com aquilo que nós somos, no mundo, em nossa interioridade e na atividade da vida política. Porém, é importante ter ciência dessa busca, ainda que na prática do dia a dia em uma sala de aula. É necessário que haja uma materialização da busca radical por esses princípios. Desta forma devemos retomar sempre quanto possível, “o como fazer isso?”. mas que a solução não seja uma receita de bolo, mas um convite para cada professor e filósofo, em atividade no ensino básico.

Pois assim evitamos que a filosofia seja lida como um saber pueril constituída por conhecimentos superficiais, ainda que úteis e necessários ao sistema vigente. Entender a disciplina de Filosofia como participante dessa ideia de filosofia vista por aqueles que pensam a partir de Aristóteles , nos permite considerar tal disciplina, como possibilidades. Possibilidades estas de inventar meios de aplicar de forma criativa, sempre em consonância com as referidas buscas.

4.2 A importância do jogo

Jogos sempre foram uma questão importante na cultura grega antiga, sobretudo quando se debatia sobre a *paideia*, como instrução das crianças.(Jaeger,1995) Os jogos também estavam relacionados aos exercícios militares e as funções religiosas como por exemplo eram os jogos olímpicos e os jogos fúnebres. Sempre houve uma separação clara sobre esses jogos e sobre as faixas etárias às quais esses eram tidos como adequados e inadequados. Por

exemplo, em Platão a questão dos jogos foi tomando uma importância cada vez maior, à medida que suas ideias sobre o estado ideal ia se solidificando, em sua maturidade. Quando Platão elabora o esquema sobre um estado mais belo nas Leis, ele fala das disciplinas, artes e funções que a educação deveria direcionar. No contexto da educação das crianças. Na Paideia, Jaeger (1995) retorna a esse ponto da *paidéia* platônica descrevendo a preocupação do mesmo com a instrução dos mais novos.

> Aristóteles foi o continuador do trabalho que acerca destes problemas a Academia indubitavelmente cultivou. Platão escalona por períodos a educação da juventude. Dos 3 aos 6 anos precisam as crianças de jogos. É logo neste período que devem ser combatidos, por meio de castigos, o amolecimento e o excesso de sensibilidade da infância. Os castigos não devem suscitar a cólera da criança à qual se aplicam, nem deixar impunes seus excessos. Nesta idade, são as crianças, quando se juntam, que devem inventar os seus jogos, sem que estes lhes sejam prescritos (Jaerger, 1995, p. 1353).

Nessa passagem da Paideia podemos observar uma preocupação em deixar claro que as ideias aristotélicas sobre a educação das crianças, são em partes, de problemas legados pela Academia de seu mestre; nela podemos ver de forma recorrente as relações de Platão[33] com a formação do caráter dos mais novos, e como dessa forma ele começa a pensar nas relações entre formação e jogos infantis. Tais jogos para Platão não só eram adequados às crianças, mas de certa forma em Platão eles seriam parte da natureza infantil, parte natural de mover-se em relação à maturidade, esses jogos, poderíamos tratar como brincadeiras, que segundo ele deveria ser livres de prescrições dos educadores (Jaeger, 1995, p. 1353).

Essas brincadeiras também deveriam ter um lugar onde as crianças pudessem praticar-lá. Pode parecer uma ideia comum mas, não era na época, pois as crianças e mulheres eram negligenciadas, assim como também, seus lugares posições na *paideia* (instrução) da *Pólis*. Porém segundo Jaeger, Platão demonstra uma preocupação tardia com a questão dos jogos e da educação dos mais jovens, só em sua obra As Leis, ele retoma as questões educativas relacionado com jogos que pudessem permitir os mais jovens acesso a determinados tipos de conhecimento (Jaeger, 1995, p. 1352).

---

[33] Leis [797a-b].

Platão mostra como a brincadeira e o parque, ou seja um lugar específico no bairro (*Kome*)[34] para as crianças brincarem onde seriam observadas e fiscalizadas por determinadas amas, a liberdade para as crianças brincarem deveria ser tratado com mais seriedade, para formação da *arete* futura dos mais jovens. (Jaeger, 1995, p.1353)

Duas definições de jogos aparecem na Política de Aristóteles A primeira se faz em função da crítica do Filósofo ao uso de Jogos típicos da cultura grega, que eram jogos ao estilo competitivos, típicos das Olimpíadas. Quando Aristóteles fala da ginástica ele adverte, sobre o perigo de preparar de forma exagerada os mais jovens, para esse tipo de atividade competitiva. Pois esses treinamentos impostos desde a infância poderiam ser a causa de estarem sem força, quando se tornam adultos, impedindo suas vitórias quantos esses se tornam homens. A ideia nesse tipo de crítica parece ser a de ajudar aos legisladores e professores a não exagerar nas prescrições dos exercícios dos mais jovens. A crítica que Aristóteles faz é, primeiro, quanto ao uso desse tipo de esforço para tais jogos, que podem deformar o corpo das crianças, como as competições musicais que se utilizam de instrumentos como a flauta que podem provocar deformações nos corpos sobretudo de crianças que a eles são submetidos.(Aristóteles, 2006). Aristóteles relaciona o episódio da própria deusa Atenas que proíbe esse tal instrumento (flauta), que segundo ele na sua especulação porque a deusa deveria não gostar da deformação que tal instrumento poderia trazer, nos corpos daqueles que abusavam de seu uso. (Aristóteles, 2006 p.). Aristóteles tem uma grande preocupação com a formação físicas dos mais jovens, para que esses não pudessem ser deformados então sua prescrição tinham esse objetivo.

O outro tipo de jogo como já citado anteriormente é o jogo das crianças, *paidian*, que conforme já abordamos poderia servir de um potente instrumento pedagógico para formação das atividades, que tais crianças desempenharam quando estas estivessem em idades adequadas, os tais trabalhos. Como também já dito, esses tipos de jogos estavam relacionados às ideias, introduzidas pelo pensamento platônico. Porém, Aristóteles ao tratar de tais questões educacionais, indispensáveis à cidade, introduz a ideia de repouso e gozo dos lazeres, em tempos

[34] Lugares sagrados de cada bairro, onde as crianças eram direcionadas para brincarem (Jaeger, 1995).

de paz e repouso. O desfrutar dos prazeres do repouso, para ser uma importante elementos para que o pensador pudesse mostrar a importância do ensino e da aprendizagem de determinados conhecimentos que o mesmo trataria como Bens de homens livres do trabalho. Na frase “toda vida se divide em trabalho e repouso, em guerra e paz”, Aristóteles (2009, p. 256) reforça tais temas essenciais para se entender as condições das coisas que deveriam ser tratadas, no caso particular, da educação. Um outro momento, quando ele destaca que “mas, as virtudes que servem ao repouso e ao encanto da vida são aquelas das quais se faz uso tanto no repouso quanto na vida ativa”(Aristóteles, 2009 p.258)[35], reforça a ideia de conservar a paz e o repouso como momento de introdução de certos prazeres. Pois vejamos: “É preciso coragem e paciência na vida ativa e filosofia no repouso, e justiça nas duas circunstância”(Aristóteles, 2009,p. 258)[36]. Com isso podemos perceber que a filosofia para ele era circunstancial ou seja dependia de certo repouso e paz para ser exercida. Isso não servia somente para falar de filosofia mas de outros saberes, ou seja aqui podemos ver que significava escola, para Aristóteles pois envolvia uma condição especial promovida pela política para permitissem os mesmo se tornarem homens melhores através dos estudos diversos dessas artes que promoviam a liberdade e felicidade dos indivíduos e consequente a Eudaimonia na cidade.

Aristóteles também faz um outro uso do termo *paidia,* diferente do uso da *paídia* infantil. Esse termo tratado ainda no oitavo capítulo, se refere ao momento de ócio, pois tinha uma função de promover uma espécie de relaxamento aos que estavam submetidos ao trabalho, como uma forma de mostrar o uso do divertimento, nos momentos de ócio e repouso. vejamos : “Se o trabalho e o repouso são ambos necessários, o repouso sem dúvida é preferível ao trabalho, e geralmente é preciso procurar o que se deve fazer para aproveitá-lo.”(Aristóteles,2009 p.269). Aqui vemos a introdução da ideia do que se deve fazer para aproveitar o momento de repouso. A diante ele continua :

> Não se trata, certamente, de simples prazeres, porque disso se deduziria ser para nós o prazer objetivo da vida. Ora, se é impossível que assim seja, é antes no trabalho que se deve procurar distração, porque é precisamente quando se está fadigado que se precisa de repouso, e alias os prazeres foram inventados só para descansar. O trabalho acarreta sempre esforço e fadiga. Eis por que é preciso, que

[35] Na edição Bekker [1334a, 16-18]
[36] Na edição Bekker [1334a, 23-24]

> quando se recorre aos prazeres, espreitar o momento favorável para deles fazer uso, como se só se quisesse empregá-los a título de remédio. O movimento que o exercício comunica ao espírito liberta-o e descansa-o pelo prazer que lhe proporciona (Aristóteles, 2009, p. 269).[37]

Neste trecho podemos perceber em Aristóteles como que politicamente ele localiza o lugar do prazer da distração, que não se trata de prazeres despretensiosos mas de prazeres que devem ser tidos em momento de repouso quando já se encontram cansados do trabalho,este consequência de esforços fatigantes. Os prazeres mostram como aproveitá-los em momento de repouso. Neste fragmento Aristóteles consolida a ideia e a importância política do repouso e dos prazeres que devem estar relacionados ao descanso do trabalho. Podemos aqui perceber que a distração são jogos os divertimentos que deveriam ser considerados com seriedade em seu proposto regime político. Ora tais jogos de divertimentos, seriam empregados na Paideia destinada aos mais jovens, outrora como aqui mostrado, como de descanso em função do trabalho fatigante.

De qualquer forma fica claro que em Aristóteles o jogo estaria relacionado aos prazeres e que estes tais prazeres seriam sem dúvidas relacionados à felicidade, pois ninguém concordaria que a felicidade estivesse relacionada à dor. E ainda ele acrescenta que “parece que existe no próprio descanso uma espécie de prazer, felicidade e encanto unidos à vida” (Aristóteles, 2009, p. 269)[38]. Assim, descanso, prazer e felicidade estavam relacionados. dessa forma a música e outras artes para Aristóteles deveriam ter um uso pedagógico e político, que poderia ser explorado, para elevação dos futuros cidadãos, essa elevação estaria relacionada a aquisição de virtudes necessárias a busca pela felicidade. Diversão jogos e relaxamentos poderiam ser relacionados na *paideia* aristotélica ao aprendizado intelectual, ou dos hábitos, conduzindo ao melhor possível, as duas partes da alma.

Podemos então deduzir aqui uma ideia jogo que serviria como instrumento educacional formidável para introdução das virtudes, ligadas ao bom comportamento e também aos passatempos salutares, aos quais devem ser estimulados, ofertados aos jovens.

---

[37] Na edição Bekker [1337a, 30 - 1337b].
[38] Na edição Bekker [1338a, 2-4].

4.3 Jogo e Filosofia

Tomando como base o que nos foi apresentado anteriormente; temos agora condições de pensar em ferramentas, que nos sejam apropriadas, para se tratar de jogos, que poderiam ser tidos como bons aliados quando tratamos da tarefa de introduzir o ensino da disciplina de Filosofia no ensino básico.

Como já dito anteriormente, o ensino de Filosofia hoje é bem diferente do que pensava Aristóteles em sua época. Pois a ideia que temos hoje sobre a escola e a disciplina de Filosofia são muito diferentes, pois temos, nas relações de ensino de filosofia a ideia de ócio aristotélico, como importante aliado para o momento de aprendizado. Mas antes pensamos na sala como um trabalho às vezes bem difícil, vejamos aqui um panorama que os filósofos Silvio Gallo e Walter Kohan fazem da disciplina nos dias atuais:

> A forma que a Filosofia se faz presente quando o está, não oferece condições muito boas para uma prática transformadora: ela é muito tênue, fica limitada a uma ou duas-horas aula, por semana, perdida entre uma miríade de outras disciplinas e, em muitas ocasiões, são professores com formação em outras áreas, que lecionam a filosofia. Pobre filosofia… (Gallo e Kohan, 2001, p. 174).

Dentro desse panorama dos mencionados autores, podemos constatar uma preocupação presente em muitos professores de Filosofia que é com as condições precárias que enfrentamos nas escolas brasileiras de ensino básico. As poucas horas destinadas, a falta de adequação dos professores de outras áreas na disciplina, enfim são umas das características do ensino de filosofia hoje em dia.

Além desses temos a dificuldade dos conflitos do com relação aos aulos e a sua recepção em relação a disciplina. A aula não só para o professor mas também para o aluno é em algum aspecto igual a um trabalho pois, o movimento de

disposição para atenção dos conteúdos que devem ser trabalhados segundo a LDB[39], em certa medida configura-se em tensão típica de qualquer atividade laboral.

Como visto anteriormente, existem regras a serem seguidas quando se trata de uma aula, isso impõe movimentos obrigatórios de atenção, observação, análise e investigação. Daí vem a ideia dos mais jovens, sejam crianças e/ou adolescentes, quando a expressão que estudar é uma coisa trabalhosa e monótona. A maioria dos jovens se recusam a participar das aulas, sobretudo de Filosofia, quando deles é exigida uma atenção redobrada e uma leitura obrigatória, ou preparo para avaliações. Em sua a escola é lugar de trabalho para os professores e para os alunos, e tal ideia é sim, elementos dos maiores conflitos, entre professores e alunos. A ideia da tensão relacionada ao trabalho de ensinar e aprender, atrapalha muito o ensino filosófico, por isso, inspirado em todos os elementos anteriormente abordados sobre a *paidéia* antiga, sobretudo em Aristóteles, traremos aqui determinados elementos para ajudar a pensar em soluções dessa tensão. Como dito anteriormente o trabalho gera fadiga e exige repouso, a distensão é obrigatória se quisermos, proporcionar um momento de ócio produtivo que é condição indispensável ao ensino. Esse ócio é aqui entendido como um momento de paz e de possibilidade para se trabalhar os conteúdos exigidos na disciplina de Filosofia. A distensão é uma ferramenta adequada, quando tratamos de uma aula de qualidade, isso não é só eficaz para os mais jovens, mas para toda aula, que se pretende acontecer. Pois da mesma forma que acontece com o corpo são esses movimentos de distensão que irão aumentar e aperfeiçoar o trabalho. Um professor de Filosofia, em hipótese nenhuma, pode negligenciar o valor político do repouso e dos prazeres que podem estar presentes também na aula. Dessa forma priorizar a diversão, o relaxamento e os prazeres e os trabalhos que requerem atenção equilibrada, pode proporcionar melhores condições de ensinar filosofia. Aqui nesta proposta de ferramenta podemos pensar em um jogo, não como um mero instrumento pedagógico, mas como um instrumento capaz de abrir possibilidades de

[39] Em resumo a Nova LDB (2024): A reafirma a filosofia na área de Ciências Humanas. Com a Reforma do Ensino Médio (Lei nº 14.945/2024), a filosofia continua garantida como parte integrante desta área, com foco no desenvolvimento de argumentação e raciocínio. O ensino visa a reflexão ética, a compreensão da sociedade e a formação crítica dos estudantes.

proporcionar prazer ao aprendizado de filosofia, um jogo que proporcione momentos de paz e repouso na tensão laborativa do aprender.

Não é pretensão aqui inovar com o jogo, mas lembrar aos professores e alunos que o prazer, o repouso e a paz são condições indispensáveis, seja na sala de aula ou no convívio social. Lembrar que o prazer e diversão podem ser praticadas a todo momento, sobretudo no objetivo maior de se buscar a felicidade. A utilização de jogos assim como outros passatempos agradáveis deve ser encarado como um instrumento político e estratégico. Na busca do objetivo de ensinar melhor, não somente o conteúdo mas direcionado aos comportamentos saudáveis proporcionando virtudes.

Em um contexto educacional, o jogo, a exemplo dos antigos, deve ser visto como uma brincadeira relaxante e despretensiosa, pela parte de quem joga. Os únicos que devem ter em mente os objetivos reais são os condutores, digo isso, em função do objetivo de não criar tensão nesses momentos, como exemplo o dito por Aristóteles, pois se deixar claro que a brincadeira faz parte do trabalho, ela muda seu caráter objetivo. Digo isso pois não podemos confundir um jogo(brincadeira) com um simples instrumento avaliativo, onde o aluno deverá ser sabidamente pontuado ou não; O lugar da avaliação é o lugar ainda da tensão de uma aula, o que inviabiliza o jogo como produto avaliativo.Podendo impedir de ser visto como um jogo prazeroso. O jogo deve ser mais um exercício de desenvolvimento e relaxamento, da tensão inicial exigida da atenção ao assunto. Quando abordamos um determinado assunto.

Os jogos como diversão não podem ser somente aparelhos pré-didáticos, pois estes têm o potencial de representar um momento necessário e estratégico de pausa entre uma aula e outra. A prerrogativa maior do jogo é distensionar e divertir, sem perder o caráter educacional. Observar os movimentos livres de uma brincadeira também é conhecer a alma do educando. Para a partir dali termos uma avaliação pessoal do progresso sem que isso se torne uma oportunidade para avaliar o conteúdo que levará a mera pontuação.

Para Aristóteles, há três objetivos pelos quais a educação deve ser adaptada são eles: o justo meio, o possível, e o conveniente (Aristóteles, 2006, p. 283)[40]. Quando pensamos no Ensino também como uma etapa educacional, por congruência esses objetivos também deveriam ser observados em todas as propostas didáticas e pedagógicas que antecedem a prática docente.

O jogo deve se manter dentro desse parâmetro para se tornar conveniente como seu objetivo. Como o justo meio, entendemos no jogo como todos os elementos que assegurem que o jogo será mais uma brincadeira do que uma competitividade acirrado sobre os conhecimentos envolvidos, isso já foi extensamente dito anteriormente, mas esse tipo de jogo deve ser oposto aos jogos comerciais e eletrônicos cujo a exploração emocional do indivíduo fornece apego excessivo para a pessoa que joga; o jogo deve evitar apelos viciantes para não perder seus objetivos didáticos. A observação do justo meio e do equilíbrio é uma famosa passagem do pensamento ético em aristotélico[41], portanto devemos prezar pois é fundamental para desenvolvermos mais virtudes que os vícios.

Quando o assunto é o possível nos jogos, está relacionado a potência a ser explorada em cada jogo, e estimulando o melhor (virtude) dos jogadores, desta forma jogos que possuem um caráter de cooperação entres os jogadores são bem vindos pois, assim os indivíduos poderão mimetizar situações de vida onde necessitam agir de forma política, ou seja terão a experiência da ação conjunta, em objetivos comuns. Uma boa dica, são jogos de tabuleiro com campanhas ou ações coletivas. Ao estilo dos RPGs, neste tipo de jogo os jogadores são convidados a realizarem aventuras em conjunto fazendo histórias e exercitando seu potencial criativo para resolver problemas relacionados a suas aventuras.

Quando Aristóteles fala do conveniente pode está relacionados ao atos, as atividades que podem ser classificados como convenientes ou não, isso nos traz aspectos preponderantes quando se trata de jogos pois, a virtude deve ser colocada a disposição sempre quando pensamos em jogos didáticos, tanto as virtudes éticas e dianoéticas devem ser estimuladas não através de lições diretas mas sempre de forma indiretas convidando o jogador ao raciocínio do conveniente e da boa ação. A

[40] Na edição Bekker [1342b, 33].
[41] No livro “Ética à Nicômaco” de Aristóteles.

virtude da boa escolha ou da ação deliberada pode trazer, junto ao jogo adequado elementos de reflexão como por exemplo algum tipo de jogo em que os jogadores são convidados a escolherem seus futuros estilos e profissão. São jogos que fornecem além de raciocino um projeção no movimento da vida. esse jogos não precisam está relacionado a uma matéria específica, mas pode trazer ao alunos oportunidade de lidarem com seus próprios desejos e vontades fazendo ser se distender se, sobre si mesmo levando uma auto reflexão de suas ações.

Pode parecer muito óbvio os objetivos colocados por Aristóteles, mas se nos dias atuais pensarmos na quantidade de jogos os quais a juventude em sua maioria são expostos podemos ver que em muito se diferencia de tal proposta, pois o estímulo a boa ação foi substituído pela pseudo liberdade de agir da forma que bem quiser, pois o jogo é diferente da vida e pode proporcionar uma catarse de sentimentos. Essa liberdade é na realidade um estímulo a violência de todas as categorias e antipolítico pois no jogo o outro passa ser apenas um NPC, sem importância para satisfação de seus desejos. Porém, quando pensamos na imperiosa disposição humana para imitar ou mimetizar, o jogo deve se afastar de situações de violência, e promover o rompimento com as práticas que ignorem as questões legais. O jogo didático deve evitar ao máximo as transgressões sociais que destroem nosso senso ético e desvirtue a cidadania.

O jogo que diverte, distensiona e deixa mais atraente uma aula de filosofia , quanto mais novo for o aluno mais disposição para jogos do tipo de gincanas, onde elementos filosóficos podem ser mesclados com atividades lúdicas como “pula saco”. Jogo esse que trabalha o pensamento e o corpo. Brincar não infantiliza, mas abre as potências (*dynamis*) e talentos que se acumulam na infância. É na criança que mora as potencialidades para uma vida adulta saudável e livre de vícios e percalços inconvenientes, dessa forma como educadores devemos aproveitar a oportunidade de plantar ações em futuras árvores e frutos onde a sociedade humana como todo poderá colher bons frutos.

Um dos aspectos de extrema importância e que devemos sempre ter em mente, é a elaboração de um material didático, em nosso caso, o jogo. O que para a Filosofia é sim uma questão da exortação. A exortação da filosofia é e sempre será necessária no processo de Ensino pois ela é convite, e justificativa do porque nos

dedicamos ao fazer filosófico. Aristóteles, mesmo dono de uma biblioteca de conhecimentos sobre os mais variados assuntos, sentiu-se também obrigado a escrever exortações para aqueles que se sentissem impelidos a se dedicar à filosofia. Neste fragmento 21 do livro Protréptico, podemos observar que: "[...] assim, é necessário cultivar os outros bens, em vista daqueles que nascem dentro de si, e destes, os que estão no corpo em vista daqueles que estão na alma, e a virtude em vista da sabedoria, pois esta é a mais elevada" (Aristóteles, 2006, p. 61, tradução nossa).

Neste fragmento, do livro "Protréptico", de Aristóteles, vemos ele de forma simples, fazendo uma advertência, sobre a questão dos bens e sua hierarquia de valores, bens que vão do bens mundanos, passando por bens essenciais do corpo e da alma até chegar a questão das virtudes, que para ele é uma disposição para agir bem, onde a mais elevada das virtudes é a sabedoria. Isso ilustra bem a preocupação de Aristóteles em passar valores e ensinar a verdadeira valoração dos bens da vida, Aristóteles um exímio conhecedor da alma humana assim como observador da natureza, nos mostra que é preciso falar de valores quando lecionamos, pois a filosofia é em si um bem peculiar íntimo que deve ser cultivado por todos aqueles que pretende ter uma visão mais clara e acertada das coisas da vida.

Na elaboração de um jogo, ou qualquer outro dispositivo que nos auxilie na empreitada pedagógica, devemos ter em mente que é necessário que o educando escute de nós elogios a sabedoria a filosofia e as virtudes pois, para a filosofia proporcionar mudanças é necessária que ela desafie o sistema de crença comum a qual nossos alunos são submetidos, porque senão ela perde sua potência e se enfraquece em atividade. Vivemos em um mundo onde o apelo para o consumo de bens materiais são constantes, em função da nossa organização econômica, o mundo do ter e possuir bens deve ser aos poucos substituído, conforme a maturidade vai chegando, o sentido do consumo é breve, mas viciante. Se a Filosofia não se coloca como antagônica ao consumismo ela se anula em si. Esse antagonismo deve ser proposital e organizado pois só na crítica do que está estabelecido, podemos mostrar. Dessa forma o jogo deve fazer jus ao modo filosófico e mostrar que não é preciso consumir para poder raciocinar de forma

crítica. Jogos que vão na contramão dos jogos de massa também ajudaram de forma sutil o recado filosófico de ir na contramão do sistema.

Portanto, o jogo deve fazer claras alusões à importância do pensamento em frente a ignorância imposta. O jogo deve exortar, convidar e divulgar a filosofia, do mesmo modo potente que uma semente se instala no solo com o objetivo vivido, de ser tornar uma Arte viva e frutificadora de outras sementes. Enfim, o jogo não pode desfazer da filosofia pois ela é o fim. E a finalidade da aula de Filosofia é a alteração e a transformação, como assim acreditavam os antigos mestres iniciadores da prática do filosofar.

5 A criação

Neste capítulo veremos como a atividade de criação relacionada à Educação se relaciona com o Ensino de Filosofia, assim como a experiência pessoal docente, que serviram de inspiração para investigar e produzir materiais que auxiliam o Ensino de Filosofia e Educação como um todo.

5.1 A Criação e o Ensino de Filosofia

A criação não é só, como podemos imaginar, um processo que envolve o artista e a sua obra , antes se aproxima de um movimento da própria natureza de transformação e vivificação do que não era por hora percebido. Criar e educar parecem a priori coisas díspares mas não são porque a Educação pede voluntariamente um educado, que longe de ser um objeto é um outro um ente tal como nós que ao ser ensinado ou ou educado se transforma num fruto da nossa intenção, seja de educar seja de elevar. Já foi dito como o professor de Filosofia deve também se atentar para o aspecto educacional de suas aulas e de como as questões políticas devem estar sempre em mente quando lecionamos Filosofia. Sendo assim, falta nos atentarmos ao aspecto criativo das aulas de Filosofia e de como ela pode se tornar um instrumento de transformação.

É tarefa da disciplina de Filosofia e do Professor de Filosofia adentrar no mundo da educação estimulando, criando e desenvolvendo jogos que tenham como objetivo principal a educação da vontade e dos hábitos dos mais jovens promovendo, assim, as virtudes saudáveis as quais toda a sociedade pode desfrutar. A contribuição filosófica é a mais acertada, pois, ela das disciplina é que pondera com mais profundidade sobre as questões lógicas, convenientes e equilibradas sobre o que deveria ser considerado uma virtude, mas além disso a filosofia leva consigo, como vimos em Aristóteles, o germe da criação poética, criação que requer

uma boa noção estética, ética e dianoética. As artes musicais dramáticas ou plásticas devem servir de base para criação do educado. Essa discussão parece óbvia quando se trata das disciplinas de educação artística, mas aqui em específico quero destacar como é importante tais conhecimentos para o Ensino de Filosofia, pois, são esses elementos culturais e estéticos que ajudaram a produzir materiais mais agradáveis para desenvolver aulas onde o prazer e o gosto artístico, possam estimular a vontade de aprender. Em suma, é muito importante para o Professor se aproximar mais do cabedal das artes com a finalidade de produzir prazer estético e entusiasmo, necessários para produção da disposição à filosofia .

Podemos entender que cabe também ao professor de Filosofia entrar nesse cabedal de produção desses jogos educativos, pois eles têm em vistas a promoção dos hábitos saudáveis e de comportamento equilibrados e pacíficos. Assim também como auxiliar na criação de uma legislação que garanta de forma prática a introdução de valores e virtudes, de forma a promover o bem estar e a felicidade e a Justiça (*Dike*). A Filosofia antes de ambicionar ser uma disciplina que promova o raciocínio, também, deve ser capaz de promover “a boa ação”, como já dito anteriormente a conduta virtuosa, se utilizando de todos recursos possíveis, prováveis e convenientes para a promoção dos bens relacionado a amizade(cidadania) na sociedade humana. O professor deve dispor de jogos, estimular sua criação e policiar seus objetivos. Enfim, a proposta é que ao exemplo aristotélico, possamos ser além de professores e educadores promotores da boa vida da vida ativa ou política. Assim, como Aristóteles que tenhamos uma visão orgânica das nossas potências frente à construção da cidadania. Pois isso é essencial para nossa valorização docente. Porque a função de professor vai além dos limites da sala de aula, somos agentes de uma vida ativa ou política.

Retornando aos processos criativos, devemos pensar no educando como uma massa que necessita da interferência de uma forma, não se trata aqui de um mero barro ao ser formatado, mas antes enxergar no educando, uma “matéria viva” e onde com atenção e respeito o educador ou professor, deve tal como o demiurgo, dispor se de benevolência e ansiar pela fabricação da melhor forma possível. De certo, não é forma final, mas antes inserir os elementos necessários para que a “matéria viva” (o educando), quando já maduro, possa enfim ter sua forma mais adequada por natureza, pois, como Aristóteles diz “a natureza é o início de tudo”.

O que a educação atenta deve almejar, segundo ao exemplo aristotélico, é a produção da *hexis* , que seria a disposição a abertura do educando para o saber, para a saúde e para a felicidade(eudaimonia), lembrando que aqui neste contexto a felicidade na conscientização da vida coletiva ou política a qual todos nós humanos estamos submetidos.

O papel do Ensino de Filosofia na *Poiesis* educacional é de extrema importância, pois o saber sobre a natureza humana e as condições biológicas ou vitais que nos, fazem entender quem nós somos como espécie, nasce da especulação filosófica. Espécie essa a nossa que necessita, um do outro para sobreviver e existir de certa maneira. Esses são saberes que são de extrema validade no debate social, político e legal. São saberes como entendia Aristóteles, para legislar à favor da sociedade humana.

O Ensino de Filosofia deve em seu escopo e dentro da sala de aula promover ações educativas para atentar os mais jovens sobre a importância de participar de todos os processos políticos que envolvam os interesses coletivos. Assim o professor de Filosofia deve promover as artes pois essas são de extrema importância para o alicerce do pensamento. Purificando e estimulando prazeres saudáveis e indispensáveis ao desenvolvimento. ”Museu disse que o maior prazer dos mortais é o canto. E com razão, que admite a música, nas reuniões e nos divertimentos, pois ela faz nascer a alegria” (Aristóteles, 2009, p. 274).[42] O canto, como lembrou Aristóteles na Política, é fonte de prazer. Então, junto com a música, deve fazer parte da filosofia, estimulando beleza e excelência. Dentro do Ensino de Filosofia é indispensável o uso das músicas com a finalidade de gerar prazer durante as aulas tornando as mais convidativas e agradáveis. A música é capaz de conduzir a alma e libertar as potencialidades humanas, ou seja, ela é uma grande aliada na educação das virtudes, dos hábitos e dos costumes.

Para que o Ensino de Filosofia se torne eficaz, ele não pode abrir mão das artes, sua beleza, seus encantos, provocadores de entusiasmos, que são potências de transformação. O Ensino de Filosofia deve ser feito em vista da Educação e está, em vista do bem comum.

---

[42] Na edição Bekker [1339b, 22-24].

Assim como Aristóteles adverte, o Educador sobretudo o professor de Filosofia deve participar ao máximo possível de todos os processos de elaboração e criação de leis que dizem respeito à educação e a promoção da cidadania. Pois é o educador ou Professor de Filosofia que sabe da importância dos dispositivos legais que regem a estabilidade e os assuntos do bem comum. Ou seja, o Ensino de Filosofia não pode de maneira nenhuma se furtar da tarefa de ensinar política, lógico no sentido aristotélico do termo, para que o aluno possa vir a se desenvolver como um cidadão hábil em servir a coletividade humana. A *Enkrateia (*autonomia*)* deve ser tanto um bem buscado na subjetividade da vida, como na totalidade da condição humana de existir no mundo. O Ensino filosófico deve em toda medida, está atento a tudo o que diz respeito à prática do bem comum, tendo em vista a felicidade e a estabilidade das nossas vivências comuns. Em suma, a criação dos saberes e filosofias em hipótese alguma deve se separar da promoção da justiça da ética e da saúde física e espiritual.

O professor de Filosofia deve, antes de tudo, ser um promotor de abertura, abertura para o novo, abertura para as novidades e abertura para o além e para excelência. Abertura essa que mimeticamente deve estar nos alunos para que eles possam ser auto criadores de si próprios e também exercerem suas vocações, conforme a natureza e suas próprias escolhas. Criar é transmitir o movimento comandado por uma intenção, mas que é promovido por um corpo, criar é dançar e promover a dança para que se promova as harmonias das relações, criar é de fato dar condições de aprendizagem harmônicas e prazerosas. Para que o jogo da imitação aconteça é necessário que o dançarino, dramaturgo, poeta e professor, estabeleça os ritmos e os compassos, do que deve ou não, ser imitado e aprendido, Dessa forma nós professores e educadores devemos sempre estar atentos a tudo o que diz respeito às nossa potências e atividades criativas.

5.2 A experiência do Ensino de Filosofia

Na docência de Ensino de Filosofia pude perceber algumas contradições e desafios que me fizeram buscar inúmeras soluções práticas a fim de garantir uma aula mais aproveitável para os discentes do ensino básico. Filosofia sempre foi um prazer pessoal pois como, como Aluno do Cefet-Campos no Ensino Médio não pude desfrutar dessa disciplina na grade muito direcionada às disciplinas técnicas do curso, porém entre os intervalos de aulas, nas peladas das quadras, pude me deparar com as ofertas de livros de filosofia, que me auxiliaram a pensar melhor nas grandes questões do mundo. Mesmo não tendo na grade escolar fui aos poucos me interessando pelas questões filosóficas,. Mas assim fazia, pois o hábito pela leitura e o prazer de ler, foram introduzidos pelos meus pais. Dessa forma, já na universidade pude acompanhar a legislação que tornou o Ensino de Filosofia obrigatório em todo território nacional. Nesse contexto resolvi não mais ficar na pesquisa, mas adentrar nas salas de aulas do Ensino Básico.

As questões legais que amparam o Ensino de Filosofia, enquanto professor sempre foram meu foco de interesse, e já no curso de Pós- Graduação de Filosofia e Ensino que tive a oportunidade de retornar à escola técnica, que além de já possuir a disciplina de obrigatória de Filosofia, já contava com um grupo de professores pesquisadores do tema “Filosofia e Ensino”. Ao longo do curso conheci Aristóteles como um educador e pensador das questões políticas, dessa forma ele pareceu me suficiente, para ser estudado com a finalidade trazer das suas ideias, soluções para problemas que me atravessaram na sala de aula. Ou seja, a resolução de problemas, me amparando na reflexão filosófica, foi de certa forma uma grande paixão que me renderam anos a mais no curso de Pós- Graduação. Apesar disso, me desenvolvia como profissional e pesquisador no Ensino básico.

Entre esses anos de docência foi quando me deparei com a insistência dos alunos em conversarem sobre jogos durante as aulas, jogos de Games. Inutilmente, ainda tentei fazer que eles pudessem se atentar mais sobre os assuntos textuais, mas como disse não havia bons resultados. Como já apontado anteriormente há uma grande dificuldade do aluno do Ensino básico da rede pública do Rio de

Janeiro, em adentrar numa cultura baseada em leitura de textos, isso acontece porque, não são requeridas competências de leitura desde do fundamental, culminado na falta de hábito no Ensino Médio. Outro fator é a falta de familiaridade com livros no ambiente pessoal. Ao me deparar com essa resistência à uma filosofia feita a partir de textos, junto com a pós graduação, comecei a buscar alternativas para que os estudantes pudessem, ainda que de forma simples, ter contato com os textos, textos estes sem os quais, fica inviável ter contato com a cultura filosófica.

Um outro problema pertinente foi e é as tensões dentro de uma sala de aula, tensões essas que fazem os alunos questionarem a importância de se estudar filosofia.Tive aos poucos que entender que cada aula de filosofia precisaria também, ser uma justificativa do porquê filosofar. Observei que o ataque à filosofia, não era natural por parte dos alunos, mas tinha a ver com viés políticos e/ou religiosos que literalmente se contrapõe às premissas do livre pensar que a filosofia ou a disciplina de Filosofia, representa para esses segmentos.

Não uma, nem duas, mas várias vezes me deparei com tentativa de censura ao pensamento filosófico requerido no Ensino básico. Isso tudo me fez pensar como é e o que deveria ser um ato simples de dar uma aula de Filosofia? Na realidade, no dia a dia, se constitui numa tarefa agonística, onde o professor geralmente antes de expor os conteúdos, disputa o direito à fala, com os mais diversos discursos contrários, proferidos pelos alunos como porta-vozes de um sistema de emburrecimento externo. Existe uma ideologia advinda das classes liberais, que combatem o Ensino de Filosofia e muitas vezes alguns alunos fazem parte, como porta-vozes desse movimento. No texto de Gallo e Kohan (2001, p. 175) eles também, refere a professores com idéias neoconservadoras e neo positivistas a respeito do Ensino de Filosofia. Contudo todas essas contradições são motivos de debates a respeito dos desafios na sala de aula.

A sala de aula é um lugar tenso, onde percebi que aprender nunca ficou tão próximo de trabalhar, assim como o ensino. Foi na leitura de alguns textos de Aristóteles que busquei alternativa para distensionar, e tornar o ato de aprender mais descontraído e prazeroso. Foi quando fui aos poucos adaptando minhas aulas, sobretudo nos primeiros anos com mitologias relacionadas a alguns jogos, pude ver ali um nicho para se trabalhar os jogos como material didático e ferramenta de

descontração. Daí pude ter um grande sucesso com algumas turmas, mas também vi que determinados jogos populares entre os mais jovens possuíam um caráter contrário aos jogos propostos como exercícios da disciplina. Os jogos comerciais são de certa forma jogos que promoviam o contrário da proposta educacional, pois os mesmo alunos identificados como jogadores tinham um comportamento anti-social e agressivo, para com os demais e isso era um conflito que afetava o bom andamento na sala de aula.

Dessas observações na prática da docência, percebi que os jogos comerciais eram na realidade deformadores daquilo que chamamos de uma cidadania. Onde, os mais populares eram recheados de mal exemplos como violência e ilegalidades travestidos de conquistas heróicas. Muitas vezes eram jogos com uma classificação etária não permitida a menores de 18 anos, que eram simplesmente negligenciados pelos responsáveis, e pelos aliciadores das redes sociais. Alguns desses jogos envolviam cometer delitos físicos com amigos, familiares e animais. Não se trata de acusar todos os jogos comerciais, mas de perceber, como eles também foram motivos para eu pensar a propostas dos jogos, educacionais que pudessem ao contrário reeducar os alunos para atitudes mais positivas e salutares nas nossas relações naturais. A pesquisa em Aristóteles me chamou a atenção para como o ser humano é um ser de imitação. E na atividade da imitação natural e às vezes inconscientes, podemos ver nas escolas comportamentos estranhos aos esperados por aqueles que estão para estudar de forma saudável. A violência relacionada a alguns jogos, está cada vez mais presente em nossa sociedade. Inclusive há uma impressão ainda não comprovada de que jogos estão relacionados à crescente criminalidade envolvendo menores.

Enfim, se os jogos são potentes para divertir e perverter o comportamento social, porque não usamos os mesmos princípios de divertir para também promover passatempos saudáveis de forma que nós pudéssemos também, sermos interventores em jogos com a finalidade desses também servir como promoção de comportamentos saudáveis. Dessas elucubrações e desafios, surgiram meu tema de pesquisa pois me pareceu adequado que o Ensino de Filosofia também se dedique a produção de jogos que vão além da do objetivo de auxiliar o Ensino, no entanto jogos que almejam influenciar o comportamento dos mais jovens para que esses possam também gozar da saúde, atrelados ao bom comportamento social. Jogos

que tragam reflexões de respeito mútuo e equilíbrio de sentimentos, hábitos e sensações. Dessa forma ninguém mais adequado, que o professor de Filosofia para auxiliar tais jogos que ultrapassam as fronteiras cada vez mais tênue da escola e sociedade. Jogos promotores do bem viver em comunidade.

Considerações Finais

A presente dissertação teve o objetivo explícito de fazer uma ponte entre a antiga ideia de Educação e o nosso Ensino de Filosofia na atualidade. Por uma questão de delimitação foi escolhido o Aristóteles, grande filósofo da antiguidade e mestre em muitos conhecimentos, sobretudo filosóficos, para servir de exemplo em diversos conceitos, de modo que pudéssemos analisar e aproveitá-los para nossa constante tarefa de pensar um possível ensino, ou possíveis ensinos de filosofias como disciplina.

Como podemos ver, Aristóteles não foi um mestre isolado e, antes dele, podemos ver uma tradição cultural grega muito preocupada com a educação e com a transmissão de valores, sejam eles intelectuais, sejam eles éticos mas sempre tendo como objetivo a beleza e a elevação daqueles os quais tais valores foram transmitidos. Vimos que os poetas e suas musas foram os primeiros a se preocuparem com a transmissão de saberes úteis e que fizessem sentido na busca humana pela sabedoria. Músicos e rapsodos foram os primeiros a mergulharem na árdua tarefa de ensinar e o repositório cultural grego passou dos antigos como pitágoras, anaxágoras, sócrates até chegar ao tempo de Aristóteles e de seus alunos.

A poesia, as artes e a músicas vinda das musas, atravessaram gerações inspirando e convidando homens e mulheres ao sagrado ritual de aprender com a natureza. Natureza, fonte de todas as coisas, inclusive como já dito, do ser humano e de seu modo peculiar em relação aos outros animais, de se relacionar com os outros semelhantes a si. Na fragilidade do ser humano de se fazer auto-suficiente, como são as bestas selvagens e os deuses, houve a necessidade de criar um estado onde, não mais solitário, foi perseguida a tão sonhada autonomia. Desse enredo nasce também a busca por um fim, onde todos pudessem ser contemplados. Aristóteles chamou isso de felicidade, que longe de poder ser confundido como um estado de alma, se parecia muito mais como uma busca ou atividade de participar

do bem comum e, mais elevado que justificaria própria existência peculiar do *zoon politikon*.

Foi na necessária busca por paz e estabilidade da coletividade humana que, segundo Aristóteles, se estruturou a *Pólis* e dela veio a imediata obrigatoriedade de fazerem leis. Leis estas que tinham o caráter de mostrar autoridade e de ensinar aos cidadãos os bons costumes a serem guardados. Nasceu alí a dualidade - Legislador e Educador - como duas grandes colunas de sustentação do estado pretenso. Os legisladores deveriam criar suas leis educativas e os educadores a faziam serem cumpridas por hábitos e pôr entendimento das mesmas. Dessa forma, a Paideia aristotélica se subjaz agora muito mais poderosa e pretensiosa do que seus predecessores poetas, a Paideia aristotélica não mais era direcionada às crianças, mas à todos os cidadãos que forçosamente deveriam participar da engenhosa vida política.

Como vimos ao longo dessa pesquisa, Aristóteles nos fornece um imenso manancial de ideias e reflexões para pensarmos o Ensino de Filosofia nos dias atuais, o exemplo de ambição aristotélica nos faz refletir de como a Disciplina de Filosofia pode exceder as salas de aula e contribuir, para uma educação política, promovendo também o bem estar e a cidadania. Aristóteles também nos faz lembrar que as virtudes são mais do que os debates e as ponderações, mas são ações e atividades necessárias ao movimento de viver em vista de um bem maior.

Essas virtudes, muito mais do que ensinadas, podem ser introduzidas nos hábitos dos mais jovens e dos que se permitirem as ações saudáveis. É na sala de aula o ambiente propício para refletir, propor e criar mudanças com uma finalidade maior que o aprendizado individual, pois em toda nossa pesquisa, podemos notar que Aristóteles tem razão quando fala da inevitável natureza para a coletividade. Como já dito anteriormente é necessário que possamos separar quando é conveniente o fazer filosófico, da disciplina de Filosofia pois, nossa reflexão filosófica alicerce de nossas pesquisas, nós a fazemos por um autodomínio (*enkrateia*) ou pela perseguição de um ou de mais questões que nos atravessa, como pensadores livres e já experiente dos movimentos filosóficos suas história etc.

Já a disciplina de Filosofia deve andar junto com o sistema educacional. Isso significa que a disciplina deve está atenta e preparada para sua contribuição social,

pois a disciplina é a parte e a educação o todo. Aristóteles conseguia enxergar como um todo, tanto o fazer filosófico especulativo, como também tentou aos moldes de seus antecessores, traçar regras para que se desenvolvesse tanto a Legislação pertinente, como as técnicas disciplinas para que o sistema educacional pudesse servir a um propósito maior.

O fazer filosófico, é bem vindo na sala de aula, pois ensinar e aprender são tanto mover e também ser movido; mas a noção política e fisiopedagogica que aprendemos com Aristóteles , pode nos ajudar a ter uma visão mais clara do poder político e decisório que nasce de uma simples aulas de filosofia. Todos os políticos que tentaram reprimir a disciplina de filosofia, o fizeram porque tinham ideia do potencial dinâmico e transformador que acontecia em reuniões filosóficas, desde de Sócrates temos notícias das tais perseguições.

Não existe perseguição ou supressão de disciplina aleatória, isso ocorre quase sempre no intuito de frear um movimento, movimento que ainda não se formou, mas uma onda ou uma tsunami que traz promessas de mudanças. Tal é a potência da filosofia de infligir medo, pela promessa de mudança que reformula as coisas trazendo a novidade, para uma ordem que outrora imperava.

Podemos Aprender com Aristóteles, que não pode existir barreiras reais nas nossas intenções, que nos separa do dever cívico social e político e artístico. Pois, aquele que se aventura a lecionar também educa em certa medida, e isso o coloca imediatamente em contato com a produção de uma sociedade. Lecionar é de certa forma uma atividade política pois, junto com as artes decisórias, podemos nos deparar com as necessidades de Legislação e Educação, que em última são braço e pernas da organização social. Dessa forma aquele que se arrisca a ensinar publicamente, deve ter noção do poder de influência a ser exercido no meio social. Aprendemos com Aristóteles que um olhar atento para o todo é uma tarefa da filosofia e do filósofo, que a observação da natureza deve ter um lugar especial na prática docente pois ela é o princípio de todas as coisas e sem ela nos perdemos em frivolidades que nos desviam da verdadeira virtude que é a Sabedoria.

Aprendemos que a sabedoria parte de uma busca e que o docente é quem prepara as primeiras caminhadas em relação a essa trilha, cheia de perigos, mas

também ganhos e alegrias. Hoje nosso caminho para a sabedoria se chama filosofia pois esta nos é possível, pela nossa própria natureza. Para muitos, a sala de aula é o início político dessa caminhada, em especial a disciplina pedagogia deve ter ciência do seu dever deontológico e social.

É importante que para além da sala de Filosofia, tenhamos noção do movimento turbilhão da filosofia na sociedade em geral e possamos pensar politicamente na nossa função e responsabilidade como educadores. Se a filosofia é capaz de promover a mudança no indivíduo, e em suas práticas, a Educação filosoficamente pensada junto a legislação como pretendido em Aristóteles irá transportar ainda que em parte, a transformação social, proporcionando alicerces para buscar uma felicidade. A Educação ou o Ensino de filosofia deve ter a pretensão de criar, tal como a atividade artística, excelências que extravasam os potenciais humanos, e promovam atividades virtuosas, o jogo é instrumento poderoso nessa empreitada pedagógica.

Aprendemos com Aristóteles que o jogo é capaz de nos colocar em contemplação com a natureza, promovendo a noção ativa da vida e mostrando as dinâmicas do movimento, sejam eles naturais ou arquitetados. O jogo desenvolvido e pensado filosoficamente é capaz de educar os hábitos e estimular as mímesis transpondo as imitações, promovendo uma consciência maior dos processos que envolvem a vida, pois o jogo da mesma forma do que nas artes dramáticas, nos estimula através da imitação a catarse das emoções, convidando nos a reflexão no ato do acontecimento mimetizado. Aprendemos com Aristóteles que o jogo pode ser uma brincadeira instrutiva e divertida, pois ele é capaz de promover distensão, obrigatória e prazerosa nos intervalos entre as aprendizagens.

O jogo, as brincadeiras e o divertimento devem fazer parte de todos os processos de aprendizagem, pois ele é capaz de promover a abertura da criança que existe em potência em todos nós, e se move sempre em busca de novidade, conhecimento e prazer. Sem a abertura e a disposição para o novo que se mostra por antigas lições não podemos caminhar para uma maioridade filosófica. É o jogar e o imitar que trará em nós as ferramentas para criação, atividade essa que os antigos consideravam de inspiração divina, e que ao menos podemos ver como de buscar a excelência e superação de nós mesmos.

Aprendemos com Aristóteles que o jogo mais do que um material didático, pode também ser um co-professor, desde que bem desenvolvido para essa finalidade. Esse desenvolvimento e essa elaboração, deve partir da essência da reflexão filosófica, que busca um bem maior e uma Eudaimonia. O jogo é um convite para dança, para o canto e para alegria das artes e das ciências, pois tais eram as pretensões educacionais das Musas e dos poetas. Então que possamos nos tornar Poetas-Educadores, e além de ensinamentos, possamos também trazer a alegria da busca pela Sabedoria.

Referências

ARENT, Hannah. **O que é política?** Tradução Reinaldo Guarany. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

ARISTÓTELES. **De Anima**. Tradução Maria Cecília Gomes dos Reis. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____.**Física / Aristóteles**. Tradução, introdução e notas Carlos Humberto Gomes. Lisboa: Edições 70, 2023.

_____. **Metafísica**. volume II. Tradução Marcelo Perine. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014

_____. **Órganon**: categorias, da interpretação, analíticos anteriores, analíticos posteriores, tópicos, refutações sofísticas. Tradução Edson Bini. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2010.

_____. **A Política**. Trad. Nestor Silveira Chaves. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2009.

_____. **Poética/Aristóteles.** Edição bilíngue, tradução, introdução e notas Paulo Pinheiros. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

_____.**Protréptico**: una exhortación a la filosofía. Edição bilíngue Carlos Megino Rodríguez). Madrid: Abada Editores, 2006.

BARBOSA, Rafael Mello. Um ensino natural de filosofia? reflexões a partir da Física de Aristóteles. In: VELASCO, Patricia Del Nero (Org.). **Ensino de – qual? – Filosofia**: ensaios a contrapelo. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 45-68.

CÂMARA, Giselle Marques. **Maat**: o princípio ordenador do cosmo egípcio: uma reflexão sobre os princípios encerrados pela deusa no Reino Antigo (2686-2181 a.C.) e no Reino Médio (2055-1650 a.C.). 2011. 134 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2011.

DETIENNE, Marcel. **Os mestres da verdade na Grécia Arcaica**. Tradução Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

GALLO, Sílvio; KOHAN, Walter Omar (Org.). **Filosofia no Ensino Médio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.3ed.

GALLO, Sílvio; CORNELLI, Gabriele; DANELON, Márcio (Org.). **Filosofia do ensino de filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2003.

HADOT, Pierre. **O que é Filosofia Antiga?** São Paulo: Loyola, 1999.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Filosofias Africanas**: uma introdução. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

HOURDAKIS, Antoine. **Aristóteles e a Educação**. São Paulo: Edições Loyola,2001.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia**: a formação do homem grego. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JANDIN, Pierre-Philippe. Aristóteles: a difícil simplicidade. **ETHICA:** cadernos acadêmicos. Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 161-171, 2006.

LIPMAN, Matthew. **A Filosofia vai à escola**. São Paulo: Summus, 1990.

_____. **O pensar na educação**. Tradução de Ann Mary F. Perpétuo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MORAES, Francisco José Dias de. **Do admirar-se ao admirar**: o problema do vouç em Aristóteles. Rio de Janeiro, 2006, 221 p. Tese (Doutorado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PPGF, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

PLATÃO. **Eutidemo**. Texto de John Burnet. Rio de Janeiro: PUC Rio; São Paulo: Loyola, 2011.

RIEDWEG, Christoph. **Pitagora**: Vita, dottrina e influenza. Tradução Maria Luisa Gatti. Milano: Vita e Pensiero, 2007.

Apêndice A - Estrutura do Produto Didático

Ao longo desta pesquisa de dissertação foi desenvolvido um produto didático onde a hipótese de um jogo que pudesse ser aplicado como produto didático lúdico, para tornar mais agradável a experiência dos alunos do ensino básico, com a prática do pensamento filosófico. A ideia é que enquanto eles brincam, com um jogo de tabuleiro convencional, os mesmo pudessem ser introduzidos dentro de um vocabulário típico da filosofia, e pudessem comparar alguns conceitos a determinadas práticas envolvendo dilemas, problemas e paradoxos voltado sobretudo às questões éticas e dianoéticas.

O jogo chamado **Jogo da Virtude** se apoia no conceito Aristotélico da Virtude, como uma disposição para o bem agir. Jogo da Virtude, trata-se de um produto didático que nasce da necessidade pedagógica de acrescentar elementos de reflexão a respeito das razões e as escolhas dos jogadores e tem como objetivo entreter e relaxar os participantes, enquanto desenvolvem reflexões úteis sobre a ética e as virtudes, pelas quais nos deparamos na hora de agir frente a uma questão da vida.

A ideia do jogo proposto não é ensinar propriamente o conteúdo sobre ética ou moral, mas convidar os alunos para o processo de criação de respostas coerentes com os problemas abordados, trazendo o para um debate ético e moral, na decisão do que seria certo ou errado. O aluno enquanto faz suas reflexões sobre os dilemas e problemas sugeridos, poderá ser capaz de desenvolver uma habilidade argumentativa, isso porque será desafiado a inventar respostas que se aproximem de uma atitude assertiva.Pois cada resposta vai exigir do jogador uma maior relação com o vocabulário do jogo, assim como seu poder de síntese, argumentação e convencimento. Tal jogo foi inspirado no Jogo da Vida Maha Lilah (da antiga tradição indiana) que aborda questões sobre a meditação da vida, o jogo serviu como base porque mostra uma plataforma favorável para ser um jogo ao mesmo tempo um dispositivo que proporciona uma introspecção e um diálogo. Nesse sentido, o Jogo da virtude também pretende estimular tais atividades reflexivas sobre nossos comportamentos.

mas com uma mecânica mais simples, trazendo mais dinamicidade, adaptada aos jogos de tabuleiro.

O jogo trabalha o conceito de virtudes extraída do pensamento aristotélico, em especial nos textos e obras trabalhados na presente dissertação. Onde a ideia de equilíbrio irá nortear as perguntas certas e as respostas não poderão ser livres, mas elas deverão ser pautadas em uma das cartas escolhida pelo próprio jogador/jogadores, para responder aos dilemas.

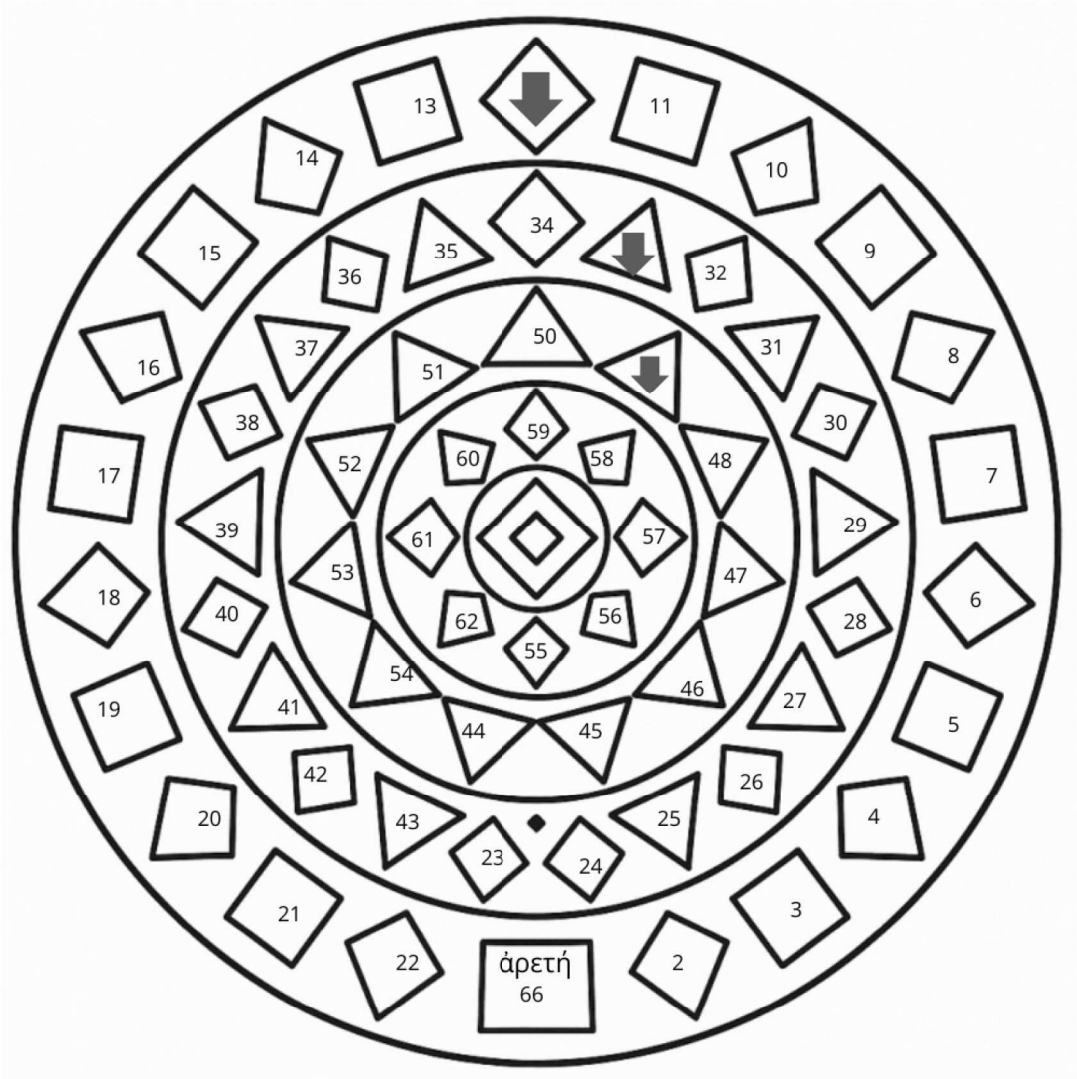
O objetivo do jogo é chegar e sair do centro do tabuleiro através do uso dos dados e respostas que permitam o deslocamento. A estrutura material do jogo é feita de um tabuleiro com dados e peças de movimentação e de cartas correspondentes às casas. Relógio ou cronômetro são necessários para o controle do tempo entre as jogadas.

A estrutura física do jogo consiste em um tabuleiro com uma inscrição em formato de mandala e suporte para armazenamento dos acessórios. A mandala possui formas geométricas numeradas, como triângulos, quadrados e losangos, distribuídas em 7 (sete) níveis a serem avançados ao longo do jogo.

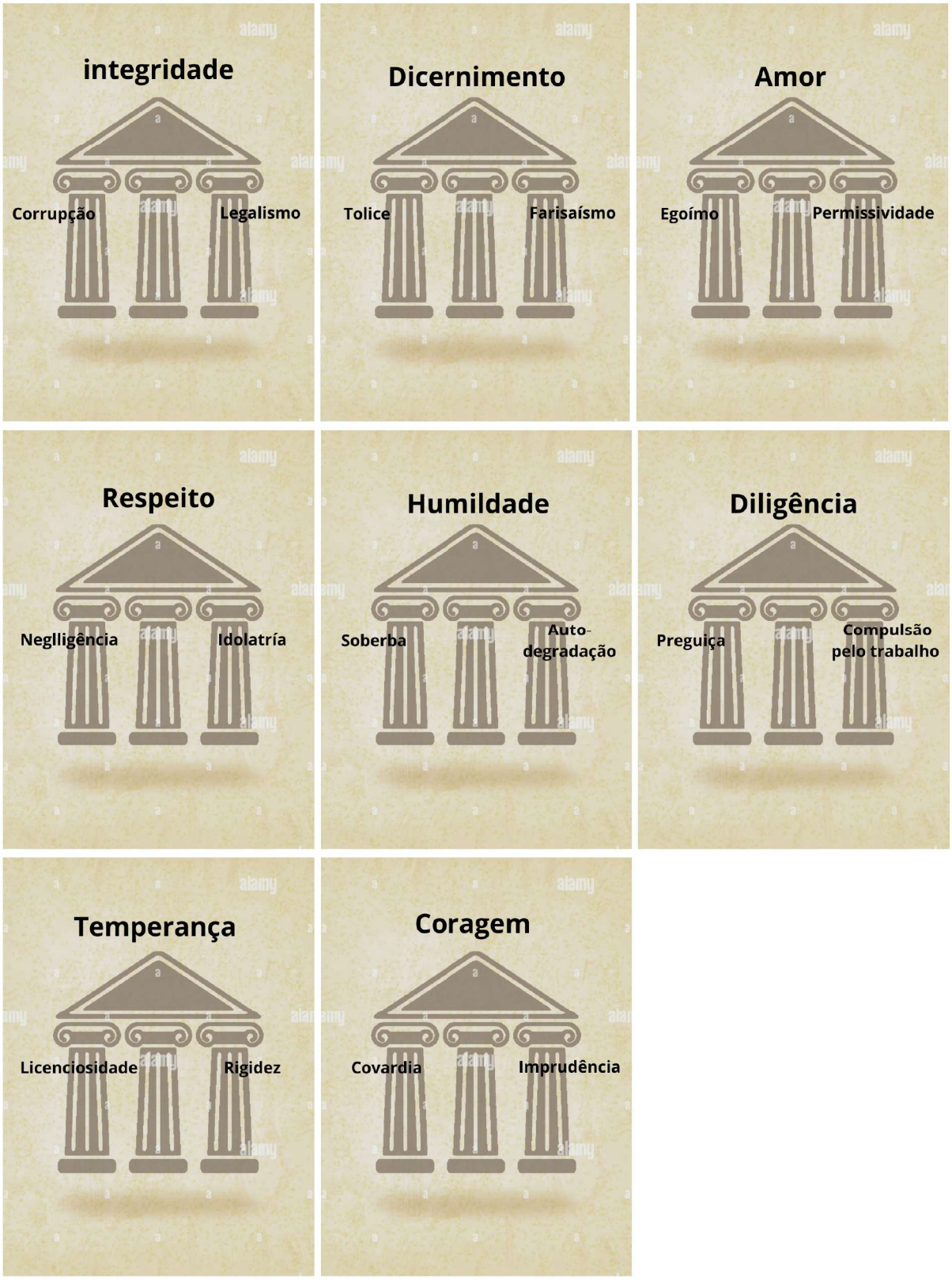
Os acessórios são: duas ampulhetas, para contar os minutos (um e cinco minutos) de elaboração dos argumentos, quatro dados (poliedros cúbicos com seis faces cada), 16 cartas contendo as 8 (oito) virtudes necessárias para a solução dos dilemas (integridade, discernimento, amor, respeito, humildade, diligência, temperança e coragem) quatro peças, que representarão os jogadores no tabuleiro. Nas cartas das virtudes, ao lado esquerdo estão os excessos e do lado direito estão as virtudes

Apêndice B - Jogo da Virtude

Representação do tabuleiro:

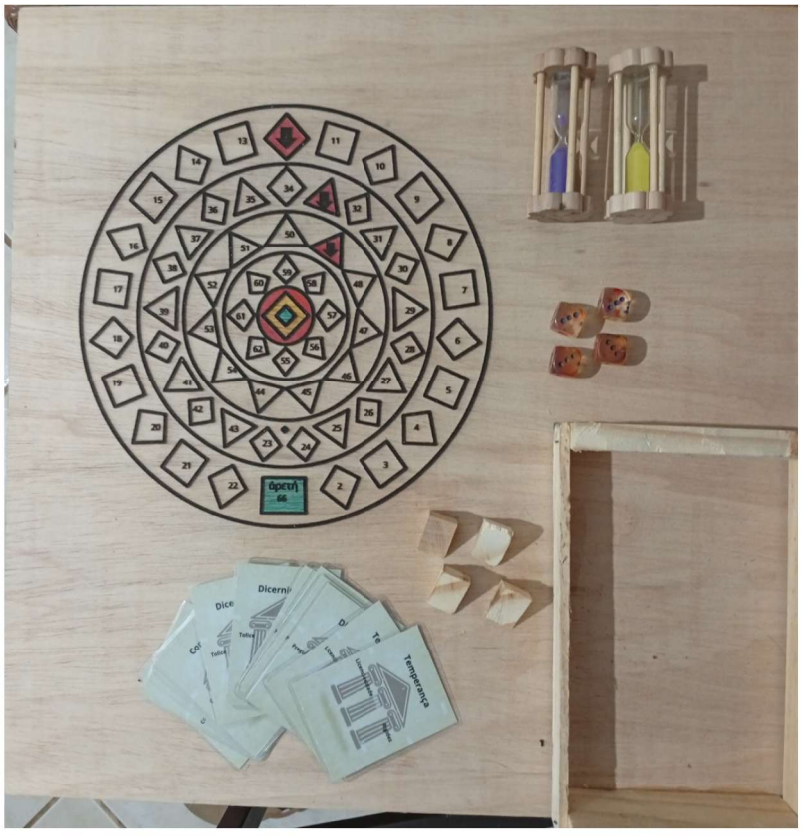


Representação das oito cartas:



Protótipo do jogo (com ampulheta para marcação do tempo, dados para ordenar as jogadas e peças para movimentação no tabuleiro):





Apêndice C - Instruções do Jogo da Virtude

O Jogo da Virtude é um jogo de tabuleiro, onde o vencedor principal terá que percorrer todas as casas distribuídas em 7 (sete) níveis e somente aquele que sair na casa 66, no último nível (*Areté*) poderá ser considerado o vencedor. Para jogar são necessários o mínimo de 2 jogadores e o máximo de 4 grupos, no entanto o regente do jogo pode adaptar a quantidade de participantes, que pode ser ampliada. Como o jogo foi pensado e desenvolvido para ser aplicado em sala de aula, cada peça pode pertencer a um grupo de alunos, onde cada grupo ao seu turno poderá arremessar os dados e percorrer o número sorteado de casas.

Onde a casa tiver um desafio o jogador deverá responder de acordo, caso contrário retornará a 4 casa anterior. A resposta correta permite o jogador a pagar a estadia na casa conquistada, esperando o próximo turno de arremesso de dados. A resposta certa dependerá do moderador do jogo, que possuirá uma ficha com as questões correspondente a cada casa de desafio. A cada casa desafio um dilema diferente que pode mudar ou ser adaptado pelo regente, com finalidade de evitar vícios de respostas ou repetições.

Como jogar: cada jogador receberá uma peça, seu dado para arremesso e escolherá, sem que possa ver, 4 (quatro) cartas auxiliares de respostas (cartas da virtude). Após quatro rodadas, essas cartas são recolhidas e depois redistribuídas pelo regente. É imprescindível que o regente responsável por administrar o jogo conheça bem tanto as definições das virtudes, quanto as definições de excesso e escassez das mesmas. Este regente não necessariamente precisa ser professores, mas alunos já experientes no jogo, que possam servir de intermediários pois estes já entendem as regras e condições.Os dilemas serão diferentemente propostos em cada um dos 7 (sete) níveis, a saber: no primeiro nível somente as formas geométricas em losangos possuem dilemas a serem resolvidos. Caso o jogador, ao jogar o dado, caia no número cuja a forma geométrica é um quadrado, ele fica parado na rodada atual, podendo jogar o dado somente na próxima rodada. No segundo nível, somente as formas geométricas em triângulos possuem dilemas a serem resolvidos. Caso o jogador, ao jogar o dado, caia no número cuja a forma geométrica é um losango, ele fica parado na rodada atual, podendo jogar o dado

somente na próxima rodada. A partir do terceiro nível, todas as formas geométricas possuem dilemas a serem resolvidos, mesmo as formas centrais que não possuem numeração. O quinto nível, consiste em um círculo não numerado, assim como o sexto e o sétimo nível, que são os dois últimos quadrados centrais.

Os dilemas devem ser elaborados pelo regente, trocados e reinventados, para que os jogadores possam sempre contar com o fator surpresa nas perguntas. Vejamos aqui alguns exemplos que podem ser usados, distribuídos em numeração, de acordo com as casas. Uma outra sugestão é que os próprios alunos depois de já terem jogado, possam experimentar também a habilidade de criar dilemas, talvez isso contribuiria de forma eficaz para a jogabilidade.

Abaixo segue algumas sugestões de dilemas:

Dilema 1: Consumir produtos importados de países que comprovadamente usam mão de obra escrava equivale a aprovar essa prática?

Dilema 2: Um motorista profissional que precisa da carteira de habilitação para sobreviver e alimentar mulher e filhos recebe uma multa que implica a perda do direito de dirigir. É ético ele pedir à mulher que assuma a responsabilidade pela multa?

Dilema 3: Observar um morador de rua roubar moedas de um pedinte, depois questionado pelas autoridades sobre tal acontecimento, devo contar o que houve?

Dilema 4: Ter provas que sua mãe cometeu um crime familiar, devo contar aos demais membros ?

Dilema 5: Ser Médico em uma guerra e poder salvar somente uma vida com os recursos em que disponho, tem dois pacientes um amputado e outro cego qual dois dois devo salvar?

Dilema 6: Estou em um bote salva vida à deriva só posso salvar uma pessoa, entre a mulher grávida e um habilidoso pescador qual devo escolher ?

Dilema 7: Tenho dois candidatos empatados e meu voto pode desempatar, um é honesto e faz pela maioria, o outro é meu amigo de profissão e vai aumentar triplicando o meu salário em qual eu votaria?

Dilema 8: Sou viciado em games, mas estou apaixonado, sei que ao ficar com essa pessoa, ela vai tentar me tirar desse vício e corro o risco de ficar depressivo, estou entre o amor e meu vício o que devo escolher ?

Dilema 9: Sou engenheiro e sei de uma informação que vai fazer fechar a mineradora da cidade onde toda minha família, amigos e conterrâneos trabalham, vai ser um caos na cidade, tudo vai falir. Mas se eu não denunciar vou ser responsável pela de um rio e a inundação da cidade vizinha, muita gente pode morrer e perder suas casas, o que devo fazer?

Dilema 10: Achei um grupo de pedófilos trocando mensagens, rapidamente resolvi denunciar, mas descobri que meu primo e amigo estava no meio, o que devo fazer?

Dilema 11: Descobri que meu tio está traindo minha tia, mas ele é a única pessoa da família que pode fazer doação de medula para meu irmão. Devo contar para a família?

Dilema 12: Comi a sopa no restaurante da minha tia, passei mal descobri que era intoxicação alimentar, devo avisar a ela e aos clientes para que não comam, pois está estragado, ou fico quieto para não queimar o negócio da família?

Dilema 13: Recebi uma lasanha horrível de sabor, feito pelo meu amor numa tentativa de reconciliação, mas o gosto está horrível, a ponto de querer jogar fora, aviso a pessoa, quebrando o clima ou aguento até o final, podendo passar mal?

Dilema 14: Estou presenciando um desmoronamento, meu irmão mais novo não conseguiu sair, devo me arriscar para salvá- lo, mesmo sabendo que ele no meu lugar talvez não faria o mesmo?

Dilema 15: Você observa seu amigo do trabalho dando carona a imigrantes ilegais com o objetivo de levá-los às autoridades. Os inocentes aceitam sem saber, você contaria a verdade para os pobres imigrantes?

Dilema 16: Sou seminarista e presenciei meus padres superiores mantendo relações íntimas, fato inaceitável no convento. Devo aceitar calado, para que os padres em conduta inadequada não prejudiquem meu sonho de ser padre ou devo denunciá-los e ser expulso do meu sonho?

Dilema 17: Um soldado é levado a cometer crimes contra adversários do exército inimigo, e depois de muitos anos você terá a chance de julgá- lo; você o condenaria ou o absolveria sabendo que ele só seguia ordens?

Dilema 18: Há uma boa recompensa por entregar um cachorro desaparecido, mas você percebeu que é a sua avó com Alzheimer que está com ele, o que você faria ficaria com dinheiro ou preservaria sua avó?

Dilema 19: Prestes a ganhar uma herança você descobre que é um caso de bebe trocado na maternidade, sabendo que se você contar a alguém corre o risco de perder tudo. Você ficaria em silêncio ou procuraria conhecer sua verdadeira família ?

Dilema 20: Sua mãe tem pouco tempo de vida e está com uma doença terminal, porém pode ser condenada à prisão a qualquer momento. Ela te pede que admita o crime no lugar dela, para aproveitar os últimos dias em liberdade, você aceitaria passar por essa experiência?

Dilema 21: Um prisioneiro foi condenado por um crime de estupro de vulneravel, voce sabe que ele é inocente, porém esse mesmo prisoneiro foi responsável por tirar a vida de um de seus parentes mas foi inocentados por falta de testemunhas. Ele te pede para testemunhar a inocência dele no primeiro caso. Você testemunharia?

Dilema 22: Sua irmã mais nova te golpeou com uma faca enquanto estava dormindo, ao escutarem seus gritos os vizinhos chamaram a polícia. Você teria coragem de contar a verdade à polícia e condenar sua irmã, mesmo desconfiando que ela agiu sob sonambulismo ?

Dilema 23: Um pai ausente, que te abandonou junto com sua mãe e irmão, precisa de uma doação de medula, onde você é o único filho(a) compatível, você teria coragem de doar para lhe salvar a vida?

Dilema 24: Ao ouvir gritos de socorro você percebe que há um incêndio na casa de um criminoso perigoso e assassino, que mora no seu condomínio, o que você faria, ajudaria ou aproveitaria a oportunidade ?

Dilema 25: Seu namorado(a) te manda um pix ajudando na cirurgia que vai fazer sua mãe voltar a enxergar, mas você descobre que esse dinheiro pode ser

roubado e vai te levar para cadeia. O que você faria, denunciaria e devolveria o dinheiro ou pensaria na saúde de sua pobre mãe?

Dilema 26: Você deixou um agente químico perigoso cair na linha de produção de leites infantis. O que você faria? Se auto-denunciaria perdendo o emprego e indo pra cadeia, deixando de sustentar sua família e filhos ou se calaria para não perder seu salário e liberdade?

Dilema 27: Você sempre sonhou em comprar um carro e quando consegue o dinheiro, seu irmão está preso e precisa dessa quantia para pagar a fiança de um crime que está sendo acusado. Você abre mão do seu sonho para livrar seu irmão das grades?